

por ser menor o peso específico de alguns principios nocivos: essa camada terá sahida facil para o exterior por ambos os lados, ou será facilmente varrida pelas correntes de fóra, que possam entrar pelas bandeiras (5) de uma das faces do edificio; conforme as condições phisicas do seu ambiente. D'este modo consegui supprimir, e vantajosamente, as chaminés de ventilação superior dos meus antigos projectos.

Tambem, neste projecto de Coimbra e noutros recentes, supprimi os postigos de ventilação inferior, no pavimento, que se vê em muitos dos meus projectos anteriores; alguns dos quaes foram publicados em 1890, no meu citado livro «*Construcções hospitalares*», e no anterior folheto de 1869 «*Hospitaes da universidade — Reconstrucção do hospital do Collegio das Artes*». Com esse intuito, indiquei nestas janellas um travessão (2'), na altura de um peitoril ordinario; e, d'ahi até ao pavimento da enfermaria, fiz adaptar dois postigos (4) de madeira ou folha de ferro zincado, de toda a largura do vão, abrindo-se de fóra para dentro e debaixo para cima. D'este modo, a entrada do ar exterior alastrar-se-ha pelo pavimento da enfermaria; e, pelas mesmas aberturas, tambem sahirá com facilidade o ar viciado das camadas mais pesadas. Dar-se-ha um ou outro d'estes dois casos, segundo as relações em que se acharem as condições do ar de dentro, com as do de fóra da enfermaria.

Por esta nova disposição, as janellas da enfermaria, de 1<sup>m</sup> de largura com 5<sup>m</sup> de altura, ficam divididas em tres secções, por travessas de cantaria; limitando a de cima (2) uma bandeira de balanço com um metro ou pouco menos de altura; e a de baixo (2') funcionando de peitoril, com os dois postigos inferiores a que já me referi, ou sómente com o ultimo de baixo. Creio fóra de duvida, que esta disposição das janellas, simplificando a construcção da enfermaria, suppre vantajosamente as chaminés de ventilação superior e os postigos de ventilação do pavimento, dos meus antigos projectos.

Aquella desproporção, fóra do commum, entre a largura e a altura, devendo produzir má vista numa janella isolada,

não deixa comtudo, no seu conjuncto, de offerecer um aspecto que não desagrade.

Nas aguas furtadas, a todo o comprimento do pavilhão, poderá estabelecer-se algum alojamento de empregados e differentes arrecadações. Ainda porém que se prescinda d'esses usos, deverá sempre contar-se que fiquem bem ventiladas e desafogadas; e tambem convenientemente assobradadas, para que possam prestar-se a lavagens periodicas e ás desinfecções que forem indicadas.

No sub-solo d'estas enfermarias, e geralmente de todo o pavilhão, ha, entre o pavimento habitado e o terreno correspondente, um desvão de um metro de altura pelo menos, com o tecto de estuque impermeavel e o pavimento de asphalto ou de cimento, e com algum declive para o exterior. As aberturas que ha neste sub-solo, ao longo das faces do edificio (fig. 8.<sup>a</sup>), facilitam a constante ventilação d'esse recinto inferior; e dão accesso aos operarios, que tiverem de proceder á sua lavagem, por irrigações, a jorro de lança ou de balde; e tambem á competente desinfecção, por injeccões ou pulverisações apropriadas.

Estas boas condições hygienicas, por cima e por baixo da enfermaria, completam-lhe as outras com que fica dotada no seu interior.

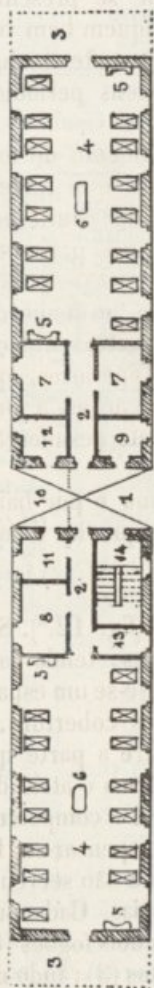
*Pavilhão duplo, de duas enfermarias.* — (fig. 12.<sup>a</sup>). São tres os pavilhões duplos de duas enfermarias; tendo cada uma d'ellas 14 camas. Ao centro do pavilhão, vê-se um espaço livre (1) de 4<sup>m</sup> de largo, com uma simples cobertura, e amplamente aberto de ambos os lados. Entre a parte que serve de vestibulo (1), e a outra (10) que fórma o atrio das latrinas, ha uma divisão de 2<sup>m</sup> de altura com a competente porta de serviço; divisão que aliás poderia dispensar-se. Do vestibulo (1) passa-se aos corredores (2), que dão serventia aos serviços accessorios e ás duas enfermarias. Cada uma d'estas enfermarias, de 14 camas (4), tem os dois fogões (5), o aparador (6) e as varandas cobertas e abertas (3): tudo nas mesmas condições já indicadas a respeito dos pavilhões de

uma só enfermaria. Como nestes, também nos duplos, as enfermarias têm condições hygienicas semelhantes nos seus accessorios do subsolo e da agua furtada.

Cada uma d'estas salas tem de comprimento 18<sup>m</sup>,50

e de largura 8<sup>m</sup>,50, com o pé direito de 5<sup>m</sup>. Contém assim 786<sup>m</sup>3,25 de ar fechado, correspondentes a 56<sup>m</sup>3,15 por cada uma das 14 camas. Poderá notar-se, que aqui a *cabagem* de ar fechado, por cama, é inferior á que foi lotada para as enfermarias de outros pavilhões (pag. 240); mas deverá attender-se a que essas têm 18 camas, em lugar das 14 das enfermarias dos pavilhões duplos. E concebe-se bem que, quanto maior for a população de uma sala, tanto maior poderá ser, dentro de certos limites, o cubo de ar fchado correspondente a cada cama. Tem-me parecido que, em geral, a oscillação d'estes numeros deverá regular-se entre 50 e 65<sup>m</sup>3.

Na curva dos cantos das salas e dos tectos, na relação dos mesmos tectos com os vãos das janellas, e em todas as mais condições hygienicas, seguiu-se, na disposição d'estas enfermarias, o mesmo que ficou indicado



Escada de 0<sup>m</sup>,002 por 1<sup>m</sup> = 1/500

Fig. 12.<sup>a</sup> — Planta de pavilhão duplo. (1) Vestibulo aberto, mas coberto. (2) Corredores. (3) Varandas abertas, com abertura fixa, ou somente accidental por meio de toldos. (4) Duas enfermarias de 14 camas. (5) Fogões. (6) Aquecedores. (7) Um quarto de enfermeiro e outro de isolamento. (8) Casa de banhos (9). Pequena cozinha de enfermaria. (10) Atrio das latrinas, separado por grades e cancella de ferro. (11) Latrinas. (12) Tina de desinfecção e pia de despejo. (13) Arrecadação de medicamentos. (14) Escada de 5 lancos para as aguas furtadas.



para os pavilhões de uma só enfermaria. Essas condições da capacidade, da superficie do pavimento e da secção de aberturas, tudo relativo a cada cama, apparece nas tabellas ou quadros seguintes:

Pavilhões duplos, de duas enfermarias

Superficie e capacidade

Dimensões de cada enfermaria			Numero de camas de cada enfermaria	Superficie		Capacidade	
Comprimento	Largura	Altura		da enfermaria	por cama	da enfermaria	por cama
18 <sup>m</sup> ,50	8 <sup>m</sup> ,50	5	14	157,25 <sup>m<sup>2</sup></sup>	11,23 <sup>m<sup>2</sup></sup>	786,25 <sup>m<sup>3</sup></sup>	56,16 <sup>m<sup>3</sup></sup>

Secção de abertura

Designação	Dimensões de janellas e porta de cada enfermaria			Relação da secção de abertura		Secção de abertura por cada uma das 14 camas
	Largura	Altura	Secção de abertura	Para a superficie do pavimento	Para a capacidade da enfermaria	
Cada janella . .	1 <sup>m</sup>	5 <sup>m</sup>	5 <sup>m<sup>2</sup></sup>			
Cada porta . . . .	1 <sup>m</sup> ,20	5 <sup>m</sup>	6 <sup>m<sup>2</sup></sup>			
As 8 janellas . .			40 <sup>m<sup>2</sup></sup>	::4:3,93	::1:19,65	2,85 <sup>m<sup>2</sup></sup>
As 2 portas . . .			12 <sup>m<sup>2</sup></sup>	::4:13,10	::1:65,52	0,85 <sup>m<sup>2</sup></sup>
O conjunto de janellas e portas . . . . .			52 <sup>m<sup>2</sup></sup>	::4:3,02	::1:15,12	3,71 <sup>m<sup>2</sup></sup>

Nos accessorios ou annexos das enfermarias, ha as seguintes commodidades (cit. fig. 12.<sup>a</sup>): dois quartos (7),



Fig. 13.<sup>a</sup>

Escada de 0<sup>m</sup>,002 por 1<sup>m</sup> = 1/500

Fig. 13.<sup>a</sup> — Planta de pavilhão triplo. (1) Atrios cobertos, mas abertos. (2) Duas enfermarias de 18 camas. (3) Aparadores. (4) Fogões. (5) Varandas cobertas e abertas. (6) Vestibulo e corredores. (7) Um quarto de enfermeiro e outro de isolamento. (8) Casa de banhos. (9) Arrecadação de medicamentos. (10) Pequena cozinha de enfermaria. (11) Atrio das latrinas, com larga abertura exterior. (12) Latrinas. (13) Tina de desinfecção e pia de despejo. (14) Escada para as aguas furtadas, em 3 lances de 10 degraus, em lugar dos 8 que a figura representa.

um dos quaes é destinado para o enfermeiro e o outro para doentes isolados; casa de banhos (8), a pequena cozinha (9), arrecadação de medicamentos (13), latrinas (11), pia de despejo e tina de desinfecção (12), atrio d'estas casas insalubres (10), e escada para a agua furtada (14). No vão da mesma escada póde accommodar-se alguma arrecadação.

*Pavilhões triplos, de duas enfermarias.* — (fig. 13.<sup>a</sup>). Dou a estes pavilhões a denominação de triplos, por se acharem divididos em tres corpos separados, com intervallos de 3<sup>m</sup>. Aqui, como nos pavilhões duplos, tambem os intervallos são apenas resguardados por uma cobertura, ficando completamente abertos de ambos os lados. Com esta disposição, cada uma das enfermarias fica accessivel ao ar exterior, por todas as suas quatro faces. Cada uma d'estas salas, com 18 camas, tem as mesmas dimensões da que já descrevi nos pavilhões de uma só enfermaria; isto é, 25<sup>m</sup>,50 × 8<sup>m</sup>,50 × 5<sup>m</sup>, ou 1.083<sup>m</sup><sup>3</sup>,75 de ar fechado; cabendo a cada uma das 18 camas 60<sup>m</sup><sup>3</sup>,20. As restantes proporções de superficie, e de secção de abertura, são as

mesmas da tabella relativa aos pavilhões de uma só enfermaria (pag. 47).

Tambem são as mesmas as condições das aguas furtadas e do sub-solo d'estas salas.

Quanto aos serviços accessorios das enfermarias, estão todos isolados no corpo central, servidos pelos intervallos ou vestibulos (1) e pelo atrio e corredor (6). Compreendem um quarto do enfermeiro e outro de isolamento (7), casa de banhos (8), arrecadação de medicamentos (9), pequena cozinha (10), atrio das latrinas com larga abertura exterior (11), latrinas com ampla janella de ventilação (12), pia de despejo e tina de desinfecção (13), e escada para a agua furtada (14). Esta agua furtada communica com as correspondentes ás enfermarias, por soalho continuado sobre os vestibulos; disposição que tambem deverá adoptar-se para os pavilhões duplos. •

*Pavilhão n.º 9.* — (fig. 6.<sup>a</sup>, planta geral, pag. 229). Este pavilhão, como já disse noutra parte, póde accommodar oito doentes; mas, se não tiver este uso, tambem alli ficará bem uma arrecadação de fato dos doentes; attendendo a que a outra arrecadação, no annexo ao Paço do Bispo (33), fica muito distante da parte mais alta dos terrenos do hospital. Presta-se egualmente ao alojamento de algum pessoal dos serviços geraes, deposito de macas e de carros de mão, etc., ou de algumas arrecadações accessorias dos mesmos serviços geraes, que se acham estabelecidos no proximo edificio (24). Póde ainda prestar-se a casa de operações cirurgicas communs, quando haja receio da sua collocação no pavilhão (10) onde se acha a casa de operações visceraes, apesar da distancia de 30<sup>m</sup> que, neste ultimo caso, se daria entre as duas salas de operações.

*Pavilhão n.º 10.* — (fig. 6.<sup>a</sup>). É destinado este pavilhão principalmente, ou exclusivamente, para uma sala de operações visceraes e seus annexos. Communica, por galerias cobertas e abertas, com um duplo pavilhão de cirurgia (7). Outra parte da mesma galeria dá communicação entre a sala de operações visceraes e seis quartos, alguns dos quaes são destinados a alojar os operados ou operadas, que não

devam regressar á enfermaria; servindo outros de arrecadação deapparelhos, instrumentos, objectos de curativo, desinfectantes, etc., e ainda para descanso dos operadores.

A sala de operações visceraes tem 6<sup>m</sup> de comprido e 5<sup>m</sup> de largo, não comportando assim senão o numero de pessoas, que devam tomar parte no trabalho da operação. Obedecem estas condições ao preceito hygienico de se evitar a contaminação, que poderia provir do agrupamento de espectadores. Ficou nessas condições a sala do hospital de Chartres, que visitei em 1891, delineada pelo operador Maunoury, e da qual o Sr. Dr. Refoios deu minuciosa descripção, com as photographias respectivas, no seu livro «*Relatorio de uma viagem ao estrangeiro, 1891*», pag. 127 e seguintes.

O mesmo Sr. Dr. Maunoury me offereceu a sua brochura — «*La nouvelle salle d'opérations de l'hôpital de Chartres, 1888*», onde tambem pôde ver-se os principios a que obedeceu aquella installação.

Para hospitaes de ensino clinico, como este da universidade, tem inconvenientes uma tal disposição, por obstar a que um curso de alumnos possa presenciar estas operações, de tanta gravidade e de tanta difficuldade. Poderá no emtanto conciliar-se d'algum modo a commodidade dos espectadores com a asepsia da sala, adoptando-se disposições semelhantes ás que ficam indicadas a pag. 47, 52 e 78, relativas a hospitaes estrangeiros.

Nesta ordem de salas, sempre se tem em vista que os tectos e paredes tenham revestimentos impermeaveis, que se prestem a lavagens por irrigação, e ás injeccões e pulverisações desinfectantes. Os pavimentos tambem são impermeaveis e com declives que facilitem o esgoto das lavagens. Usa-se o asphalto, o cimento, ladrilhos de grêz ou outros impermeaveis, ou o denominado mosaico italiano de pedrinhas de marmore cimentadas, e convenientemente polidas depois de consolidadas. Occupou-se de pavimentos impermeaveis o Sr. Conselheiro Dr. Lopes Vieira, em artigos interessantes, que publicou na *Coimbra Medica*, 1894, pag. 50.



Sobre o mesmo assumpto, alguma cousa se diz tambem no meu citado livro «*Construcções hospitalares*», pag. 148.

A ligação em curva do pavimento com as paredes, no mencionado hospital de Santo Antonio em Paris, é de ferro esmaltado, em fórma de telha muito aberta. Noutros hospitaes é substituido este material por asphalto ou cimento, peças de grêz, etc. Em vista d'estas indicações, facil será a escolha do systema, que houver de seguir-se, na construcção da pequena sala de operações visceraes d'este novo hospital de Coimbra.

Não devo esquecer a boa impressão, que me deixou a particularidade, que se dá na sala correspondente do hospital Necker em Paris. Foi delineada pelo operador Horteloup, que teve a amabilidade de me acompanhar nessa visita, muito satisfeito da sua innovação. Consiste ella em se ter passado, para fóra da sala, as prateleiras de desinfectantes, o auctoclave, fogões, esterilizadores, etc.; ficando no interior da sala sómente o leito metallico, de paredes duplas, armado em peças de ferro nikelado (systema Horteloup).

Mais satisfeito teria eu ficado, se a mobilia do interior da sala se completasse apenas com o leito de operações, e com pequenos aparadores portateis de tampo de vidro sobre armação de ferro. Em logar d'isso porém, ainda alli se accommodavam os lavatorios e uns aparadores de madeira. No modelo da nossa estampa [fig. 6.<sup>a</sup> (10)], até se dispensa a casa accessoria para aquelles utensilios, contigua á sala de operações. Aqui as paredes lateraes da sala avançam dois metros, ou pouco mais, para limitarem aquelle recinto, anterior á porta de entrada. Nesse recinto coberto, inteiramente livre para o lado da galeria, é que se acha installado o fogão de aquecimento da sala e da agua, o *auctoclave*, e mais esterilizadores, as estufas de aquecimento de roupas, os lavatorios e todos os mais aprestes, que se costuma installar no interior d'estas salas.

No extremo opposto d'aquella galeria, a vinte metros de distancia, estão os seis quartos que já mencionei, servidos por um corredor central. Os ultimos dois quartos, no ex-

tremo do corredor, a dez metros mais distantes, poderão ser convertidos em amphitheatro de operações communs, para quem se contentar com aquella distancia, muito acceitavel, de trinta metros, entre esse amphitheatro e a sala de operações visceraes.

*Lotação das camas de todo o hospital.* — Além das camas regulamentares ou de numero invariavel de todo o hospital, ha logar para camas supplementares, nas enfermarias da maior parte dos pavilhões; denominando se assim as que podem accommodar-se junto dos fogões, quando apagados. E tambem para camas eventuaes, que poderão occupar o pavilhão (9), se não for destinado para outros serviços; e ainda para as que poderão accommodar-se no Paço do Bispo (pag. 41 e 64), se não se estabelecer alli a administração central, a que me tenho referido.

A tabella seguinte ficará indicando as particularidades d'aquella distribuição de camas de doentes.

#### Camas regulamentares ou de numero invariavel

Nos 7 pavilhões de uma só enfermaria de 18 camas	126
Nos 3 ditos de duas enfermarias de 14 camas....	84
Nos 3 ditos de duas enfermarias de 18 camas....	108
Nos quartos de isolamento dos 13 pavilhões.....	26
Nos quartos do pavilhão de operações chirurgicas...	4
Na maternidade.....	24
Na repartição para molestias contagiosas.....	12
Total das regulamentares.....	<u>384</u>

#### Camas supplementares

Nas 19 salas de enfermarias dos 13 pavilhões a 2 camas cada uma.....	38
Total das regulamentares e supplementares.....	<u>422</u>

## Camas eventuaes

<i>Transporte</i> . . . . .		422
No pavilhão 9 . . . . .	8	
No Paço do Bispo . . . . .	<u>20</u>	
		<u>28</u>
Total geral (regulamentares, supplementares e eventuaes) . . . . .		450

Poderá notar-se que este ultimo esboço de projecto accomode maior numero de camas, do que os dois anteriormente apresentados á commissão (pag. 198), apesar de não dispor de terrenos tão extensos, e com a desvantagem de se acharem cortados pela nova estrada (pag. 203). Deve porém attender-se a que, nesses dois esboços, era menor o numero de camas em cada sala de enfermaria; que não havia no primeiro esboço nenhum pavilhão com duas enfermarias; e que essa particularidade, no segundo esboço, só se dava em dois pavilhões. Além de que a distribuição dos pavilhões tambem se achava em ambos mais desfogada; e, para a sua lotação, não se contou com as camas eventuaes, mencionadas na tabella a que me estou referindo.

Apesar de tudo isso, vê-se agora que, com as modificações indicadas neste ultimo esboço, os dois anteriores poderiam ter comportado maior numero de camas.

Cabe ainda notar-se que, nos mesmos pavilhões do projecto de que me estou occupando, em lugar das 450 camas se accommodariam 900 ou pouco menos, se, em lugar de pavilhões de um só pavimento de enfermarias, adoptassemos os dois pavimentos dos modernos hospitaes de Berne e de Aarau na Suissa, de Vichy e S. Etienne em França, de Carabanchel nos suburbios de Madrid, etc.

Sem deixar de reconhecer que póde acceitar-se este ultimo systema, com enfermarias de pequeno numero de camas e bem isoladas, como as que adoptei no projecto de reconstrução do hospital do Collegio das Artes, dou comtudo prefe-



rencia ao systema de um só pavimento, principalmente com enfermarias de 20 camas e mais. É este o systema que, na minha ultima viagem, vi mais seguido na Allemanha. E mesmo em França estava elle prodominando nas modernas construcções delineadas por Tollet, ou simplesmente inspirados nos seus notaveis trabalhos, que lhe deram o merecido renome, que todos lhe reconhecem, entre os architectos mais celebres da especialidade.



## Dependencias dos serviços do novo hospital da universidade

Tudo aconselha que a administração do novo hospital fique incorporada na dos hospitaes da universidade. Uma só administração deverá concentrar em si todos os serviços do antigo hospital do Collegio das Artes e seus annexos, e do novo hospital do Penedo da Saudade.

Não póde evitar-se que este ultimo hospital tenha cozinha privativa; mas o fornecimento da sua despensa já fica geralmente subordinado á despensa ou deposito central do Collegio das Artes, que lhe fornecerá diariamente muitos dos seus artigos, como pão, carnes, vinho, legumes, mercearia, etc. Um só despenseiro fará a distribuição pelas tres cozinhas do hospital do Collegio das Artes, do hospital dos Lazaros e do hospital do Penedo da Saudade. D'este modo as despensas dos dois ultimos hospitaes ficam reduzidas a pequenos depositos diarios, e pouco mais, a cargo dos cozinheiros respectivos, convenientemente fiscalizados.

Foi com estas vistas que, no plano geral do novo hospital, deixou de figurar um estabelecimento de padaria, contando-se que seja servido pela actual padaria dos hospitaes da universidade.

Tambem a pharmacia central do hospital do Collegio das



Artes, no edificio de S. Jeronymo, fornecerá diariamente os medicamentos para o novo hospital, que serão recolhidos nas arrecadações de medicamentos de cada pavilhão. Não se priva contudo o novo hospital de um pequeno deposito commum de alguns artigos indispensaveis, para se poder acudir de prompto a accidentes imprevistos, ou mesmo a serviços regulares, que não devam estar subordinados ás requisições do aviamento diario. E foi este o motivo por que, neste projecto, não se contou com um estabelecimento privativo de pharmacia e accessorios.

A rouparia central e a colchoaria do Collegio das Artes satisfarão egualmente ás requisições diarias do novo hospital, e do mesmo modo a sua lavanderia, que está funcionando no edificio do Castello. Por este meio se evitará a duplicação dos estabelecimentos respectivos no hospital do Penedo da Saudade, sem o menor accrescimo do pessoal dirigente das actuaes rouparia, colchoaria e lavanderia. Tudo se limitará aos depositos parciaes de roupa em cada pavilhão ou grupo de pavilhões, como se está usando em cada uma das enfermarias dos hospitaes da universidade. As louças e vidros, varios utensilios, e outros artigos de fornecimento geral, tudo neste novo hospital ficará subordinado ao deposito central dos hospitaes da universidade.

Um estabelecimento geral de banhos, com todas as condições actualmente exigidas num estabelecimento completo de hydrotherapia, tambem não figurou no esboçado projecto do novo hospital.

Sempre contei com um só estabelecimento d'esta ordem, para todos os hospitaes da universidade; e esse foi ultimamente indicado, como se viu a pag. 100. nas lojas dos dois lanços W. e N. dos hospitaes do Collegio das Artes.

Não se contou, pois, no plano do novo hospital do Penedo da Saudade, com um pavilhão privativo de um serviço geral de hydrotherapia. O projecto limitou-se á indispensavel casa de banhos, em cada pavilhão de enfermarias.

Tambem não contém o projecto a importante repartição dos quartos para doentes a pagar, contando com a optima

instalação d'este serviço no hospital do Collegio das Artes e seus annexos: para homens no edificio de S. Jeronymo, já a funcionar; e para mulheres nos quartos que o projecto de reconstrução do proprio edificio do Collegio das Artes lhes está indicando em differentes pavilhões, e principalmente no segundo pavimento do pavilhão (B).

D'este modo os dois hospitaes completar-se-hiam reciprocamente, ambos subordinados, como já disse, a uma só administração.

Indiquei, como tambem se viu, para séde d'aquella administração central, o hospital do Collegio das Artes e edificios annexos, por me parecer que são muito adequados, e mais que sufficientemente vastos, para as accommodações a que nesse caso poderão prestar-se. No emtanto não deixarei de reconhecer, por outro lado, a possibilidade de serem installadas essas accommodações, ou pelo menos muitas d'ellas, no grande edificio do Paço do Bispo. E, d'esse modo, ficaria no hospital novo a administração central de todos os hospitaes da universidade.

Já esta pagina se achava em prova (em 1886. Vej. *Advertencia*, pag. v), quando recebi um exemplar da instructiva publicação «*Lições de hygiene publica*» do meu distincto e laborioso collega, o Sr. Conselheiro Dr. Lopes Vieira. Se mais cedo tivesse vindo, algumas referencias a esse livro teriam bom cabimento em differentes secções d'esta minha pequena brochura. Infelizmente fiquei privado d'esse prazer e d'esse valioso recurso.

## ADJUNTAMENTO

1.º - O presente relatório foi elaborado em conformidade com o disposto no art. 1.º da Lei nº 1.108, de 1950, e no art. 1.º da Lei nº 1.109, de 1950, e tem por finalidade informar ao Conselho Municipal de Saúde a situação financeira do Hospital Municipal de São Paulo, em 31 de dezembro de 1950.

2.º - O Hospital Municipal de São Paulo, em 31 de dezembro de 1950, possuía um patrimônio líquido de R\$ 1.108.000,00, correspondente ao saldo de R\$ 1.108.000,00 da conta de patrimônio líquido do balanço de 31 de dezembro de 1949.

3.º - O Hospital Municipal de São Paulo, em 31 de dezembro de 1950, possuía um patrimônio líquido de R\$ 1.108.000,00, correspondente ao saldo de R\$ 1.108.000,00 da conta de patrimônio líquido do balanço de 31 de dezembro de 1949.

4.º - O Hospital Municipal de São Paulo, em 31 de dezembro de 1950, possuía um patrimônio líquido de R\$ 1.108.000,00, correspondente ao saldo de R\$ 1.108.000,00 da conta de patrimônio líquido do balanço de 31 de dezembro de 1949.

5.º - O Hospital Municipal de São Paulo, em 31 de dezembro de 1950, possuía um patrimônio líquido de R\$ 1.108.000,00, correspondente ao saldo de R\$ 1.108.000,00 da conta de patrimônio líquido do balanço de 31 de dezembro de 1949.

6.º - O Hospital Municipal de São Paulo, em 31 de dezembro de 1950, possuía um patrimônio líquido de R\$ 1.108.000,00, correspondente ao saldo de R\$ 1.108.000,00 da conta de patrimônio líquido do balanço de 31 de dezembro de 1949.

7.º - O Hospital Municipal de São Paulo, em 31 de dezembro de 1950, possuía um patrimônio líquido de R\$ 1.108.000,00, correspondente ao saldo de R\$ 1.108.000,00 da conta de patrimônio líquido do balanço de 31 de dezembro de 1949.

8.º - O Hospital Municipal de São Paulo, em 31 de dezembro de 1950, possuía um patrimônio líquido de R\$ 1.108.000,00, correspondente ao saldo de R\$ 1.108.000,00 da conta de patrimônio líquido do balanço de 31 de dezembro de 1949.

9.º - O Hospital Municipal de São Paulo, em 31 de dezembro de 1950, possuía um patrimônio líquido de R\$ 1.108.000,00, correspondente ao saldo de R\$ 1.108.000,00 da conta de patrimônio líquido do balanço de 31 de dezembro de 1949.

10.º - O Hospital Municipal de São Paulo, em 31 de dezembro de 1950, possuía um patrimônio líquido de R\$ 1.108.000,00, correspondente ao saldo de R\$ 1.108.000,00 da conta de patrimônio líquido do balanço de 31 de dezembro de 1949.



## ADDITAMENTO

Neste livro «*Reconstrucções e novas construcções*», a que me estou referindo em *Additamento*, tractei de demonstrar a conveniencia de se proseguir na reconstrucção do hospital do Collegio das Artes, independentemente da futura construcção, que todos desejamos, do novo hospital da universidade.

Pelos orçamentos de pagg. 119 a 145, viu-se já que a mencionada reconstrucção do hospital do Collegio das Artes importava em 36:593\$000 réis. E, sendo de 188<sup>1</sup> camas a sua lotação regulamentar e de 213 com as camas supplementares, temos a percentagem por cama — no 1.º caso, de 194\$643 réis — e no 2.º caso, de 171\$798 réis (pagg. 173 e 174).

E contando-se que a mesma reconstrucção dará a segurança de um bom serviço, não só d'estas 213 camas do proprio hospital do Collegio das Artes, mas ainda das 72 dos restantes edificios dos hospitaes da universidade, teremos o total de 285 camas<sup>2</sup> com a percentagem por cama de 128\$396 réis (pag. 174).

---

<sup>1</sup> Na tabella de pag. 173, ultima columna, á direita, lê-se 888 em lugar de 188, como vac notado nas erratas.

<sup>2</sup> A pagg. 174 e 176 vê-se que o total d'essas camas dos hospitaes da universidade é de 303; mas, deduzindo-se as 18 pertencentes aos lazarus asylados, ficam as mencionadas 285.

Viu-se tambem (pag. 182), que o custo das edificações novas de hospitaes d'esta ordem não deveria computar-se em menos de 700\$000 réis por cama. Resulta d'ahi que, se abandonassemos os hospitaes da universidade, como se tem pretendido, aquellas 285 camas com o respectivo encargo de reconstrucção, na importancia de 36:593\$000 réis, teriam de ser suppridas por uma edificação nova (na ampliação do projectado novo hospital, por exemplo) que as comportasse, na importancia de 199:500\$000 réis. Uma differença, em pura perda do thesouro, de 162:907\$000 réis!

Reconstrucções semelhantes de velhos hospitaes, para se adaptarem ás novas exigencias da hygiene, estão-se vendo por toda a parte, nos paizes que percorri em 1891. D'essas confrontações deduzi o seguinte, a pag. 185:— «Em conclusão, repetirei aqui o que já fica dicto a pag. 67. (Vej. tambem pag. 188)— *O aconselhado abandono dos actuaes hospitaes da universidade só se justificaria, se admittissemos que ha em Coimbra melhor sciencia de hygiene hospitalar do que em Madrid, Paris, Bruzellas e Berlim; e que, em Portugal, os recursos de beneficencia publica e particular estão muito acima de recursos semelhantes em todos os paizes d'essas quatro capitaes*».

Assegurado o bom serviço das mencionadas 285 camas ou das 303 (incluindo as 18 dos lazarus asylados), com a diminuta despesa de 36:593\$000 réis, seguir-se-ia depois a construcção do novo hospital.

Tambem poderia seguir-se o caminho inverso, começando-se pela nova construcção e reservando-se para depois d'ella as obras de reconstrucção do hospital do Collegio das Artes. Mas nesse meio tempo, que seria provavelmente de largos annos, teriamos de ir amparando a parte velha do mesmo Collegio das Artes, com successivas reparações muito dispendiosas, que mais tarde teriam de ficar inutilizadas.

Além de que, seria muito mais difficil obter-se que desde já se encetasse uma obra de tão avultado custo, adiante de outra de um dispendio relativamente insignificante; a

qual, durante essa obra do novo hospital, iria prestando bom serviço a 303 camas.

E de que terá de ser de grande vulto a despesa com as obras do novo hospital, poderá ajuizar-se pelos seguintes dados:

As aspirações da comissão da faculdade de medicina, em sessão de 15 de março de 1890, tinham sido de se conseguir um novo hospital para 800 camas<sup>1</sup>, não ficando nenhuma nos actuaes edificios dos hospitaes da universidade. E, sendo computada em 700:000 réis por cama a despesa com a construcção d'esse novo hospital, teriamos um orçamento de 560:000:000 réis.

Modificadas, porém, aquellas indicações da comissão, contentando-nos com um hospital que só comportasse o numero de camas que, sobre as actuaes 300 (conta redonda), completasse aquelle numero de 800; ainda assim, seria preciso que o novo hospital podesse conter 500 camas. Mesmo neste caso, a despesa do novo hospital, a 700:000 réis por cama, attingiria a somma de 350:000:000 réis.

Em vista de tão avultado orçamento, a defrontar-se com os apuros do thesouro publico, é de crer que a faculdade de medicina não se opponha a que as mencionadas aspirações da sua comissão, a um hospital novo com 800 camas, se reduzam ás anteriores aspirações da mesma faculdade, de um novo hospital sómente para 300 camas<sup>2</sup>, contando com a conservação de outras tantas nos actuaes edificios dos hospitaes da universidade. Teriamos assim uma hospitalização de 600 camas, isto é, approximadamente o dobro do nu-

<sup>1</sup> As aspirações da faculdade, anteriormente manifestadas, perante o conselho superior de instrucção publica, pelo seu delegado nesse conselho, o sr. conselheiro dr. Lopes Vieira, foram de um novo hospital para 300 camas, contando-se com a conservação de outras 300 nos actuaes edificios dos hospitaes da universidade. E foi com estas aspirações que sempre me conformei, e que ainda hoje estou defendendo.

<sup>2</sup> Era o pensar da faculdade de medicina, a que se referiu a nota anterior.



mero de camas de que actualmente dispõem os hospitaes da universidade.

Com este plano<sup>1</sup>, que se me afigura o mais razoavel, teriamos o seguinte resultado:

1.º Para a reconstrucção do hospital do Collegio das Artes (conservando-se 300 camas nos actuaes hospitaes da universidade) — 36:593\$000 réis.

2.º Para a construcção do novo hospital da universidade (com 300 camas a 700\$000 réis por cama) — 210:000\$000 réis. Quer dizer que teriamos a dispender sómente réis 246:593\$000, em logar dos mencionados 560:000\$000 réis — uma differença, a favor do thesouro, de 313:407\$000 réis.

São simples alvitres, de que poderá escolher-se o que pareça mais acceitavel, ou aos quaes se substitua qualquer outro que se offereça mais vantajoso.

Terminadas estas considerações geraes, passarei a dar conhecimento das ultimas modificações, que tenho lembrado, do projecto de reconstrucção do hospital do Collegio das Artes. Constam da nova gravura do primeiro pavimento de enfermarias, fig. 14.<sup>a</sup>, e da reproducção (com pequenas correcções) da gravura do segundo pavimento, que se vê a pag. 76, fig. 2, — com a designação de fig. 15.<sup>a</sup> neste *Additamento*.

Essas duas gravuras representam a reducção das plantas em maior escala, que acompanharam a minha exposiçãõ de 3 de abril de 1898, dirigida ao sr. João Theophilo da Costa Goes, digno engenheiro da Direcção dos Edificios Publicos, encarregado, como chefe, das obras em andamento nos edificios publicos de Coimbra.

D'essa exposiçãõ que passo a transcrever, ver-se-ha que, com um pequeno dispendio, apenas de 7:848\$000 réis, se

---

<sup>1</sup> Coherentemente com as manifestações da faculdade pelo seu delegado, em sessão do conselho superior de instrucção publica (vej. nota 1 da pagina anterior).

poderá occorrer, desde já, ao que se offerece de maior urgencia nesta reconstrucção do hospital do Collegio das Artes.

Segue-se a mencionada exposiçào de 3 de abril de 1898:

Exposiçào dirigida ao digno Delegado da Direcção  
dos Edifícios Publicos em Coimbra,  
em 3 de abril de 1898

«Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr.—Constando-me que v. ex.<sup>a</sup> se acha encarregado de alguns melhoramentos nos edificios dos hospitaes da universidade, tenho a honra de levar ao conhecimento de v. ex.<sup>a</sup> as modificações que deverá soffrer, me parece, o primitivo projecto de reconstrucção do hospital do Collegio das Artes; projecto em que eu tinha collaborado com distinctos engenheiros e o respectivo pessoal tecnico. A essas modificações já eu me tinha referido, no meu livro publicado em 1896 «*Reconstrucções e novas construcções dos hospitaes da universidade*» <sup>1</sup>, de que juncto um exemplar. Vão de novo representadas nas duas plantas que acompanham esta minha exposiçào.

«A planta n.º 1 (agora com a designaçào de fig. 14.<sup>a</sup>) representa o primeiro pavimento de enfermarias, ao nivel do grande pateo ou claustro do antigo Collegio. O mencionado livro não deu a gravura d'este pavimento; mas descreveu-lhe as particularidades, de pagg. 90 a 92; descripção que poderá supprir (nas mesmas paginas d'este livro d'agora) a respectiva memoria descriptiva.

«Da mesma descripção se vê que a sala para curativos no *banco* ficava no extremo W. do pavilhão (A); e nesta

---

<sup>1</sup> É o mesmo livro, agora reproduzido em 2.<sup>a</sup> edição. Vej. a applicaçào na *Advertencia*, pag. v.

planta n.º 1 (fig. 14.ª) fica disponível esse tópo, para se lhe

Fig. 14.ª

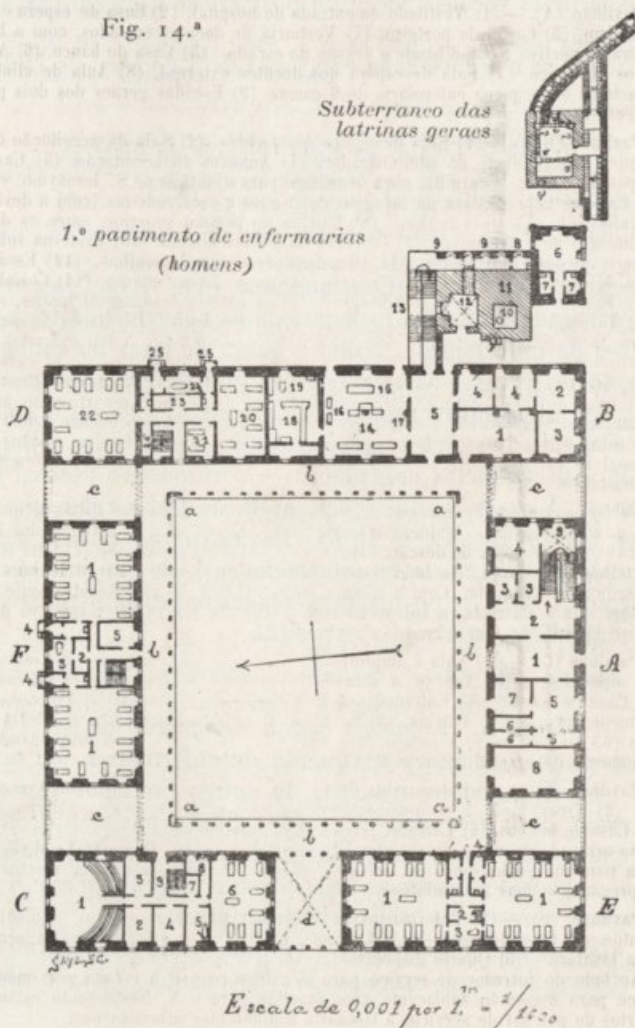


Fig. 14.ª—Hospital do Collegio das Artes. 1.º pavimento de enfermarias. — (a) Pateo arborizado, antigo claustro do collegio. (b) Galerias de serviço, cobertas e abertas (as do antigo collegio). (c) Pequenos pateos ou côrtes para isolamento dos pavilhões. (d) Córte de baixo de um terraço sustentado em columnas.



O espaço d'esse côrte accommodará a escada do futuro estabelecimento hydrotherapico, no sub-solo d'este lanço W. do edificio e no lanço N.

Pavilhão (A). — (1) Vestibulo da entrada do hospital. (2) Casa de espera e de passagem. (3) Casas do porteiro. (4) Vestiaria de doentes entrados, com a banheira respectiva (compreheo do desvão da escada). (5) Casa do banco. (6) Annexos do banco. (7) Sala de espera dos doentes externos. (8) Aula de clinica (a actual) ou pequena enfermaria de 6 camas. (9) Escadas geraes dos dois pavimentos.

Pavilhão (B-D). — (1) Sala de espera dos doentes. (2) Sala da accitação dos doentes. (3) Gabinete do administrador. (4) Annexos da accitação. (5) Casas de passagem para a cozinha, para os côrcos, para o edificio de S. Jeronymo, etc. (6) Latrinas geraes. Casa da lavagem dos bacios e escarradeiras (com a devida desinfeccão). (7) Duas latrinas. (8) Latrina do pessoal superior, entre os dois pavimentos de enfermarias. (9) Corredor da mesma latrina. (10) Cystema sob o terraco do outro pavimento. (11) Massicos de antigas muralhas. (12) Escada para os côrcos. (13) Escada exterior da capella do 2.º pavimento. (14) Cozinha. (15) Fogão da cozinha. (16) Mesas de pedra para a lavagem de loucas, etc. (17) Torneira do abastecimento de aguas. (18) Despensa. (19) Banca de escripturação do despenseiro. (20) Enfermaria de 6 camas, com o seu aparador no centro. (21) Pequena enfermaria de 2 camas. (22) Enfermarias de 12 camas. (23) Arrecadação de medicamentos com vidraça fixa sobre a casa de banhos. (24) Casa de banhos. (25) Latrinas, precedidas de pequeno repartimento para lavatorios. (26) Pequena arrecadação ao lado da escada. Compreheo do desvão. Por esta escada desce-se para um sótão subjacente, onde ficam os quartos do pessoal de serviço, a pequena cozinha de enfermarias (tisanaria) e diferentes arrecadações, com luz do lado do nascente.

*Subterraneo das latrinas geraes.* — (a) Pias de descarga dos tubos de queda das duas latrinas (7). (b) Idem dos tubos de queda da casa de lavagem dos bacios (6). Ha outra pia de descarga do tubo de queda da latrina (8). (c) Uma serie de telhões em curva. Ao lado d'esta caleira vê-se a indicação de degraus no passadiço ou banqueta. Com a mesma letra (c) está designada outra serie de telhões, em linha recta, a entroncar com a serie em curva. O respectivo passadiço lateral não tem degraus.

Pavilhão (C). — (1) Aula e amphitheatro de operações cirurgicas. (2) Gabinete dos operadores. (3) Anexo à sala de operações. (4) Quarto para operados. (5) Casa de banhos. (6) Enfermaria de 8 camas para operados. (7) Arrecadação de medicamentos. (8) Latrina. (9) Corredor de communicacão com a galeria de serviço. Ao lado vê-se a escada para um sótão inferior; o qual comprehende o alojamento do pessoal de serviço, a tisanaria e diferentes arrecadações.

Pavilhão (E). — (1) Enfermarias de 14 camas com os seus aparadores no centro. (2) Arrecadação de medicamentos, com vidraça fixa sobre a casa de banhos. (3) Casa de banhos. (4) Latrinas precedidas de lavatorios.

Na arrecadação de medicamentos (2) vê-se uma escada de caracol que dá subida para um sótão sobre os annexos, onde se accommodam dois quartos de empregados e duas arrecadações.

Pavilhão (F). — (1) Enfermarias de 14 camas. (2) Arrecadação de medicamentos. (3) Casa de banhos. (4) Latrinas, precedidas de pequenos repartimentos para lavatorios. (5) Quarto disponivel.

Ao lado do corredor de serviço para a galeria, vê-se a escada por onde se desce para um sótão subjacente com janellas para o N. Neste sótão estão os quartos do pessoal de serviço, a tisanaria e diferentes arrecadações.

conservar o uso, que tem actualmente, de aula de clinica; ou para se adaptar a uma pequena enfermaria. Lembrei

este alvitre, a mais, para que v. ex.<sup>a</sup> e as estancias technicas possam optar por qualquer d'elles, se não julgarem preferivel substituil-os por outro melhor.

«No tópo N. do pavilhão (B-D) está representada uma enfermaria de 12 camas, em lugar de 14 de outras enfermarias. Com esta modificação, poude conservar-se uma solida parede das antigas construcções, que se julgou conveniente para segurança do edificio.

«Tambem, nesta planta n.º 1 (fig. 14.<sup>a</sup>), se chamou a attenção das repartições technicas para as disposições da escada exterior da capella (Pavilhão B-D, 13), dando-se-lhe a entrada pela casa de passagem (5). D'este modo os dois lanços ficam separados pela parede actual, que está sustentando a antiga escada interior, agora aproveitada <sup>1</sup>.

«Nesta mesma planta n.º 1 (fig. 14.<sup>a</sup>), acima das latrinas geraes (6) no extremo (B) do pavilhão (B-D), estão representados os exgottos d'estas latrinas, sob a epigraphie «*Subterraneo das latrinas geraes*». Esses exgottos partem da casa quadrilonga, que alli se vê, coberta de abobada, cuja posição fica subjacente ás mencionadas latrinas (6 e 7).

«Os tubos de quéda das duas latrinas correspondem á vertical das duas pias (a); e as pias (b) recebem os tubos de quéda dos despejos da casa de lavagem dos bacios (6). Ha ainda uma outra pia, correspondenté ao tubo de quéda da latrina (8). Esta latrina acha-se collocada no extremo do corredor (9), entre os dois pavimentos do edificio.

«O pavimento d'esta casa subterranea é de *béton*, coberto de cimento, onde nada chega das immundicias das latrinas. Está disposto de modo, que os operarios possam limpar os canos e as pias com toda a commodidade, e sem o risco de poderem conspurcar-se. A planta representa esses canos (c) com pequenas curvas, a indicarem que tem a soleira de telhões de grés. O que se vê, alli perto, ao lado dos telhões,

---

<sup>1</sup> A gravura deixou de representar esta parede entre os lanços da escada.

representado em linhas rectas, indica degraus, de distancia em distancia, para que os operarios possam descer, commodamente, pelo forte declive d'estes passadiços ou banquetas, quando tiverem de proceder á limpeza dos canos, com vassouras apropriadas, e a favor de torneiras do abastecimento d'aguas.

«Estes degraus, e os patins intermedios, estão dispostos com uma ligeira inclinação para os canos; de modo que, se estes, em casos muito excepçionaes, chegarem a trasbordar, por effeito de grandes massas pluviaes recebidas das valetas do claustro: nesses casos, quando baixar a corrente, tudo recolherá para dentro da caleira.

«Para se reconhecer que esses casos serão muito excepçionaes, bastará saber-se que a abertura superior da caleira mede 0<sup>m</sup>,50 e que a sua altura, desde o lastro do telhão até ao bordo, é de 0<sup>m</sup>,40. Aquella abertura superior da caleira, com os 0<sup>m</sup>,60 do passadiço, dão a este exgotto a largura total de 1<sup>m</sup>,10. Dos patins da banquetta ao intra-dorso da abobada tem a altura de 2 metros, deixando assim vasto desafogo, para poder ser visitado commodamente, pelo pessoal superior do estabelecimento e por visitantes entendidos no assumpto. De distancia em distancia, abrem-se na abobada os precisos postigos de luz e ventilação.

«Referi-me ás boas condições d'estes exgottos no meu livro «*Construções hospitalares*», 1890, de pagg. 241 a 245, e no livro que já aqui citei por vezes — «*Reconstrucções e novas construções dos hospitaes da universidade*», pag. 19 e seguintes, pagg. 78, e de 111 a 116 <sup>1</sup>.

«Na mesma planta do subterraneo, vê-se outra serie de telhões, em linha recta (c), a entroncar com a linha curva já descripta. Representa a canalização de exgottos das latrinhas do pavilhão (E), e das que possa ter o pavilhão (A). Além d'isso, é destinada a receber as aguas pluviaes das valetas do claustro ou grande pateo (a).

<sup>1</sup> A mesma paginação d'este livro agora publicado.



«Todos estes canos de exgotto já ficaram quasi concluidos em 1886, quando deixei a administração d'aquelle estabelecimento. Faltava, principalmente, a sua ligação com o exgotto da cidade; mas essa falta fel-a desaparecer, haverá dois annos, o digno Director das Obras Publicas do districto, o sr. Antonio Franco Frazão. Vae sendo tempo de se tirar o devido proveito das despesas que esta obra custou, e que tão elogiada tem sido por tantos medicos e engenheiros, que durante muitos annos, a meu convite, tiveram occasião de a examinar.

«A planta n.º 2 (fig. 15.<sup>a</sup>), do segundo pavimento de enfermarias, é a mesma, com pequenas modificações, que se vê no citado livro «Reconstrucções e novas construcções» a pag. 76, fig. 2.<sup>a</sup> 1. No topo N. do pavilhão (D), pag. 269, a enfermaria tem 14 camas (fig. 15.<sup>a</sup>-4), em logar das 12 da enfermaria que lhe fica subjacente no outro pavimento; onde as dimensões d'esta ultima tiveram de subordinar-se á conservação de uma parede, que se julgou precisa á segurança do edificio, como já se disse. No pavimento superior, a que a planta n.º 2 (fig. 15.<sup>a</sup>) se refere, pareceu que poderia dispensar-se aquella parede. Se, porém, o julgarem conveniente como elemento de segurança, poderá repetir-se neste 2.º pavimento (fig. 15.<sup>a</sup>-2) o que se vê nesta parte da planta n.º 1 (fig. 14.<sup>a</sup>-22), ficando a enfermaria sómente com 12 camas em logar das 14 que a planta representa.

«Na mesma planta (fig. 15.<sup>a</sup>), vae indicada no pavilhão (B) a modificação da escada exterior (10) da capella (12), a que já me referi quando tractava do outro pavimento. Por esta modificação, foi preciso mudar-se a porta do patim da escada sobre o atrio (11), para o local que a planta indica.

«A esta planta do 2.º pavimento de enfermarias, po-

---

<sup>1</sup> A mesma paginação d'este livro agora publicado, em 2.<sup>a</sup> edição.

derá servir de memoria descriptiva o que se vê de pagg. 76 a 90.

Fig. 15.<sup>a</sup>

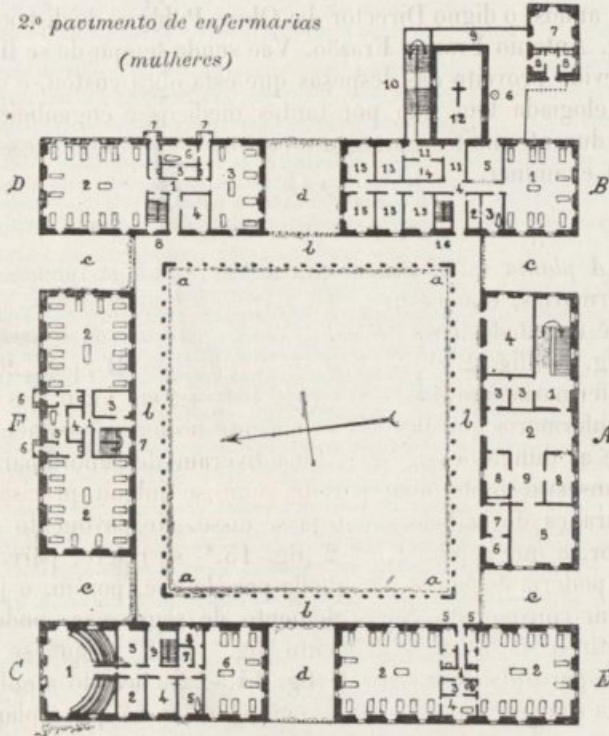


Fig. 15.<sup>a</sup>—Hospital do Collegio das Artes. 2.<sup>o</sup> pavimento de enfermarias.— (a) Claustro do antigo collegio. (b) Galerias de serviço, cobertas e abertas. Não é essencial a cobertura. (c) Côrtes no antigo edificio para isolamento dos pavilhões. (d) Terraço neste côrte do edificio (no lanco inferior da gravura), servindo de cobertura ao côrte subjacente. (d) Idem (no lanco superior da gravura), servindo de cobertura a parte da cozinha e a toda a despensa.

Pavilhão (A).—(1) Escadas geraes (prolongadas até ás aguas furtadas para alojamento do pessoal, etc.). (2) Atrio d'este pavimento. (3) Casas da porteira. (4) Laboratorio clinico ou enfermaria de 6 camas. (5) Sala de operações visceraes. (6) Depositos de agua quente e fria, fogão de aquecimento, recipientes antisepticos, etc. Tudo canalizado para o interior da sala de operações. (7) Gabi-

nete dos operadores. (8) Quartos para operadas. (9) Largo corredor, o existente do antigo collegio.

Pavilhão (B). — (1) Enfermaria de 10 camas com o seu aparador. (2) Arrecadação de medicamentos. (3) Casa de banhos. (4) Corredores. (5) Casa de passagem. (6) Terraco, com a bôcca da cystema. (7) Casa da lavagem dos bacios e escarradeiras. (8) Duas latrinas. (9) Direcção de um corredor subjacente a este pavimento. (10) Escada exterior da capella. (11) Atrios da capella. (12) Capella. (13) Sacristia. (14) Arrecadações da capella. (15) Quartos de doentes a pagar. (16) Escada para as aguas furtadas, onde ficam os quartos do pessoal de serviço, a pequena cozinha de enfermarias, e diferentes arrecadações.

Pavilhão (C). — (1) Aula e amphitheatro de operações chirurgicas. (2) Gabinete dos operadores. (3) Annexo do amphitheatro de operações. (4) Quarto para operados. (5) Casa de banhos. (6) Enfermaria de 8 camas para operados. (7) Arrecadação de medicamentos. (8) Latrinas e lavatorios. (9) Corredor para a galeria de serviço. Ao lado vê-se a escada para as aguas furtadas, onde se accommodam diferentes arrecadações, pequena cozinha de enfermarias, e os quartos do pessoal de serviço.

Pavilhão (D). — (1) Corredores. (2) Enfermaria de 14 camas. (3) Enfermaria de 6 camas. (4) Quarto de doentes a pagar ou para isolamento, ou para enfermeira em casos urgentes. (5) Arrecadação de medicamentos com vidraça fixa sobre a casa de banhos. (6) Casa de banhos. (7) Latrinas, precedidas de pequenos repartimentos para lavatorios. São armadas sobre cachorros de pedra, com paredes de folha de ferro. (8) Escadas para as aguas furtadas, onde ficam os quartos dos empregados, a tisanaria e diferentes arrecadações.

Pavilhão (E). — (1) Corredores. (2) Duas enfermarias de 14 camas com os respectivos aparadores no centro. (3) Arrecadação de medicamentos, com vidraça fixa sobre a casa de banhos. (4) Casa de banhos. (5) Latrinas, precedidas de pequenos repartimentos com lavatorios.

Na casa de medicamentos (3) vê-se uma escada de caracol (defeituosamente representada) para um pequeno sótão sobre os annexos das enfermarias, onde ha 2 quartos de empregadas e duas arrecadações. A escada segue d'ahi para as aguas furtadas com amplo espaço para todas as accommodações.

Pavilhão (F). — (1) Corredores. (2) Duas enfermarias de 14 camas. (3) Quarto de doentes isolados ou para outros destinos. (4) Arrecadação de medicamentos, com vidraça fixa sobre a casa de banhos. (5) Casa de banhos. (6) Latrinas em fórma de chalet, de folha de ferro sobre cachorros de pedra. (7) Escada para as aguas furtadas, onde ha espaço, á larga, para todas as accommodações.

«Para complemento das mencionadas descripções, poderá ver-se, de pagg. 92 a 102, o que diz respeito ás seguintes epigraphes: — Córtes ou pequenos pateos de isolamento e galerias de serviço; — Annexos ou accessorios das enfermarias, comprehendendo: — *a*) quartos de doentes a pagar, — *b*) quartos para doentes isolados, — *c*) accommodações do pessoal de serviço, — *d*) banhos. — *e*) arrecadação de medicamentos, — *f*) arrecadação de roupas, louças, etc., — *g*) pequenas cozinhas de enfermarias (*tisanarias*), — *h*) lavatorios e latrinas parciaes de enfermarias.



«Em nenhuma das duas plantas (figg. 14.<sup>a</sup> e 15.<sup>a</sup>), se vê representada a repartição de quartos particulares para homens, a secção de maternidade, a secção de molestias contagiosas, a pharmacia, a casa mortuaria, a casa de administração e secretaria, a lavanderia, a rouparia, etc. Todas essas repartições funcionam em outros edificios, mais ou menos relacionados com o hospital do Collegio das Artes, e que não estão representados em nenhuma d'estas duas plantas. Póde, porém, apreciar-se a boa disposição que o projecto lhes assignou, percorrendo a descripção, sob as respectivas epigraphes, de pag. 102 em diante. O que diz respeito aos quartos particulares, para o sexo masculino, está indicado noutro meu livro, a que me tenho referido «*Construcções hospitalares*» 1890, pag. 508 e seguintes. Ahi se verá que esta repartição, no meu conceito, não receia confrontações com tudo o que eu vi de melhor, nesta particularidade, em todos os hospitaes estrangeiros de construcção mais apurada, que tive occasião de visitar nas minhas viagens de 1865, de 1878 e de 1891.

«Os orçamentos de toda a reconstrucção d'este hospital do Collegio das Artes, elaborados pelo sr. Esteves, conceituado conductor de obras publicas, ficaram transcriptos de pagg. 119 a 145. A sua importancia limita-se a réis 36:593\$000.

«Prevendo-se, porém, quaesquer hesitações sobre a totalidade d'aquella despesa para já, inscrevi, a pag. 147, a seguinte epigrapha:— «Orçamento da reconstrucção do hospital do Collegio das Artes (*sómente da parte que está exigindo maior urgencia*)».

«Estas obras de maior urgencia importam na pequena quantia de 7:848\$000 réis, como se vê do respectivo orçamento, de pagg. 147 a 158.

«A serie de preços dos mencionados orçamentos acha-se transcripta de pagg. 160 a 170.

«A economia que póde conseguir-se com as despesas de reconstrucção do hospital do Collegio das Artes e suas de-

pendencias, relativamente ao numero de camas que o estabelecimento póde comportar, acha-se apreciada de pagg. 175 a 185. Ahi se verá que é diminutissima a percentagem da despesa de construcções por cama, confrontada com a percentagem relativa a construcções hospitalares modernas, tanto nacionaes como estrangeiras. Essas percentagens estão colleccionadas em tabella, a pag. 176.

«Outro ponto sobre que peço, em especial, a attenção de v. ex.ª:

«Haverá dois annos que a Direcção das obras publicas do districto estabeleceu o tão desejado entroncamento, da conhecida canalização dos exgottos do hospital do Collegio das Artes, com os novos exgottos da cidade. Aquella vasta canalização do hospital, em fórma de uma galeria, nas condições de poder ser percorrida, todos os dias, por quem se encarregue de fiscalizar esta ordem de serviços, é egualmente accessivel á inspecção dos clinicos e do administrador do estabelecimento, quando a julguem conveniente. Essa obra de bastante custo ainda está sem uso, como já fica dicto, fazendo-se os despejos dos bacios em baldes de madeira, conduzidos á cabeça, a bastante distancia, pelos aruamentos do cêrco.

«Fallando d'esta galeria de exgottos dizia, eu a pagg. 19 e 20 — «Da sua disposição interior e suas relações de «prompta evacuação por vastas galerias de exgotto em «fôrte declive, posso affirmar que nunca vi, nos melhores «hospitaes estrangeiros, nada que possa rivalizar vantajosamente com taes condições de invejavel excepção».

«No começo d'estas galerias estão as duas casas de latrinas geraes, sobrepostas nos dois pavimentos do edificio. Foi uma d'essas casas, que ha annos se converteu em sala de operações chirurgicas!

«Esta casa não póde regressar ao primitivo destino, sem que se leve a effeito a construcção de um dos amphitheatros de operações chirurgicas, que o projecto está indicando nas duas plantas (figg. 14.<sup>a</sup> e 15.<sup>a</sup>), no extremo N. do pavilhão (C).

«Parece, pois, muito razoavel que, entre as referidas obras de maior urgencia, seja esta a preferida em primeiro lugar. E para maior brevidade conviria que se preferisse a do primeiro pavimento (fig. 14.<sup>a</sup> -pavilhão C-1), prescindindo-se por emquanto do córte do edificio naquelle ponto. Assim tudo se limitaria á collocação das janellas que o projecto indica, ao novo pavimento d'esta casa, e á construcção da parede que deve limitar este amphitheatro do lado do nascente; parede que tem de assentar sobre outra, muito solida, das lojas subjacentes, que serve de encontro ás abobadas sobre que se firma o actual pavimento.

«Emquanto não se effectuasse o mencionado córte, ficariam sem uso as duas janellas d'esta face; mas nem por isso o amphitheatro deixaria de funcionar, em boas condições de luz e ventilação, com as restantes cinco janellas.

«Tudo o que acabo de expôr não passa, já se vê, de uma simples lembrança. Servirá apenas para chamar a attenção de v. ex.<sup>a</sup> e das estancias technicas sobre as mencionadas particularidades. — Com muita consideração — De v., ex.<sup>a</sup>, etc. — Coimbra, 3 de abril de 1898. — *Antonio Augusto da Costa Simões*».

As boas disposições do governo a favor da reconstrucção do hospital do Collegio das Artes

*A reconstrucção geral do edificio.* — Com o meu livro de 1890 «*Construcções hospitalares*», ficou bem conhecido o que eu então pensava sobre os projectos de reconstrucção do hospital do Collegio das Artes, que é o edificio mais importante dos hospitaes da universidade. Esses projectos soffreram modificações, com a minha collaboração, em 1895, como se vê neste livro agora publicado, de pagg. 69 a 192, repetição do que se via nas mesmas paginas da 1.<sup>a</sup> edição ou *separata*, de 1896 (Vej. *Advertencia*, pag. v d'esta 2.<sup>a</sup> edição). E essas modificações ficarão sendo agora mais esclarecidas por este *Additamento*.



Independentemente das minhas indicações naquelle sentido, ou antes simples lembranças, sempre subordinadas ás precisas correcções das estações competentes, parece ter havido mais tres projectos d'essa reconstrucção do mesmo edificio.

O primeiro, orçado em 30:000\$000 réis foi remetido ao governo pelo director das obras publicas, o sr. João Maria d'Abreu, em officio da 9 de abril de 1888.

O segundo foi remetido em 2 de julho do mesmo anno, parecendo ser aquelle mesmo (o primeiro) que anteriormente tivesse sido devolvido para correcções, porque conservava o mesmo orçamento de 30:000\$000 réis. Como quer que fosse, é certo que este segundo orçamento, remetido para o governo em 2 de julho de 1888, foi devolvido, com o parecer da junta consultiva das obras publicas, por officio do governo para a direcção do districto, de 24 de maio de 1889.

O terceiro projecto, orçado em 41:770\$000 réis, foi remetido ao governo, pela mesma direcção de obras publicas, em officio de 23 de dezembro de 1892.

Ausente de Coimbra desde 1886<sup>1</sup>, ignorava o que se havia passado neste sentido, sendo para estranhar que me tivessem posto de lado nessas reformas de projectos, que tinham a minha prolongadissima cooperação, desde 1853! Essa estranheza teve, comtudo, longa compensação, na obsequiadora carta do sr. Manuel Raymundo Valladas, de 25 de março de 1893, em que este distincto engenheiro me dava noticia d'aquelle terceiro projecto, de que s. ex.<sup>a</sup> era relator perante o conselho superior de obras publicas. O sr. Valladas, que eu não conhecia, fallando-me desfavo-

---

<sup>1</sup> Naquelle data de 23 de dezembro de 1892, já eu residia em Coimbra, em virtude do meu despacho para o logar de reitor da universidade, por decreto de 24 de setembro do mesmo anno. Apesar d'isso, porém, não tive então conhecimento d'aquelle officio. Conti-nuavam a pôr-me de parte nestas modificações dos antigos projectos.

ravelmente d'aquelle ultimo projecto de 1892, relativamente ao anterior da minha collaboração, teve a amabilidade de me pedir esclarecimentos.

Da mesma carta do sr. Valladas vi que o sr. Director das obras publicas, na memoria descriptiva d'este seu projecto de 23 de dezembro de 1892, se referia ao projecto da minha collaboração em termos favoraveis, como se vê da seguinte passagem da carta do sr. Valladas. . . «que não «podendo (*dizia o sr. Director*), na presente conjuntura «ser levado a effeito o projecto de v. ex.<sup>a</sup>, o qual attendeu «a todas as necessidades da sua remodelação, pelo menos «se mandasse já executar o que se apresentava».

Na mesma carta, dizia-me tambem o sr. Valladas: — «Tendo eu conhecimento do projecto de v. ex.<sup>a</sup> pelo seu «livro (*Construcções hospitalares*), ponderei quanto seria «conveniente que se executasse, embora se destinasse para «tal fim sómente a verba annual compativel com as forças «do thesouro. — O conselho attendeu estas reflexões da «minha parte; e pediu que fosse juncto ao projecto do di- «rector das obras publicas de Coimbra aquelle formulado «por v. ex.<sup>a</sup>».

O sr. Valladas dava-me conta, na mesma carta, de ter á sua disposição o mencionado livro «*Construcções hospita- lares*» e a collecção, em quatro volumes encadernados <sup>1</sup>, das

---

<sup>1</sup> Esses volumes voltaram para Coimbra, a requisição minha, e foram depois remettidos ao sr. Costa Goes, chefe de secção em Coimbra da Direcção dos edificios publicos, como se vê dos seguintes officios, que julguei conveniente aqui transcrever, para que a todo o tempo se conheça onde se acha archivada aquella numerosissima collecção de todos os minuciosos desenhos, em escala de  $\frac{1}{1000}$  relativos á todas as particularidades da reconstrucção dos quatro edificios dos hospitaes da universidade.

Seguem-se os officios:

Reitoria. — L.<sup>o</sup> 14.<sup>o</sup> N.<sup>o</sup> 41. — Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. — Os projectos de reconstrucção de todos os quatro edificios dos hospitaes da universidade foram colleccionados em quatro grossos volumes encadernados. Achavam-se na secretaria d'aquelles hospitaes, d'onde foram reque-



plantas, côrtes e alçados dos projectos de reconstrucção de todos os quatro edificios dos hospitaes da universidade. Só lhe faltavam os respectivos orçamentos, que me pedia e que pouco depois lhe mandei.

Da planta do novo projecto, de que me deu conhecimento o sr. Valladas, infelizmente já fallecido, logo fiquei suspeiando de que teria sido inspirado pelo sr. dr. Mirabeau, digno Administrador dos hospitaes da universidade.

Poderia ter havido simples coincidência, sem que o sr. dr. Mirabeau tivesse inspirado cousa nenhuma; mas é certo que as disposições do projecto se achavam coherentes com a opinião que o sr. dr. Mirabeau havia patenteado, pelo menos de 1890 em diante. Resumia-se em que se conservasse o edificio com as disposições geraes que tem actualmente, apenas com as janellas actuaes mais rasgadas, com alguns quartos de permeio ás mesmas enfermarias que tem, com a renovação das paredes arruinadas do lado do poente, com a demolição de alguns tabiques divisorios principalmente no lanço do nascente, com a substituição das madeiras

sitados para o ministerio das obras publicas. D'esse ministerio vieram para esta reitoria, a requisição minha.

Dois d'estes volumes estão ha tempos na repartição ao digno cargo de v. ex.<sup>a</sup>; e os outros dois têm-se conservado em meu poder. São estes ultimos os que tenho a honra de remetter a v. ex.<sup>a</sup>, ficando assim toda a collecção no local mais apropriado, por ser essa repartição do ministerio das obras publicas a encarregada, em Coimbra, dos projectos e obras dos edificios publicos na respectiva circumscripção. — Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> Paço das Escolas, em 14 de febreiro de 1898 — Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. Director da Repartição dos Edificios Publicos no Districto de Coimbra. — O Reitor — *Antonio Augusto da Costa Simões*.

\*Direcção dos edificios publicos. — Secção de Coimbra. — n.º 28. — Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. — Accusando a recepção do officio de v. ex.<sup>a</sup> n.º 41, de hontem, cumpre-me agradecer a honra que v. ex.<sup>a</sup> se dignou dispensar-me, enviando-me a collecção dos projectos de reconstrucção de todos os quatro edificios dos hospitaes da universidade, afim de serem archivados na repartição a meu cargo. — Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> — Coimbra, 12 de febreiro de 1898. — Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. Reitor da Universidade. — O Engenheiro Chefe de Secção da Direcção dos Edificios Publicos — *João Theophilo da Costa Goes*.



podres nós soalhos, portas, etc. O sr. dr. Mirabeau qualificava de exaggerados escrupulos hygienicos o isolamento dos pavilhões de enfermarias, por meio de cõrtes, nos quatro lanços do antigo collegio fechado em claustro <sup>1</sup>; e de exaggerações semelhantes tinha tambem outras precauções recommendadas, pela moderna hygiene, nas construções hospitalares.

Não se tome esta noticia, já bem conhecida de todos, como censura ao sr. dr. Mirabeau. E nem s. ex.<sup>a</sup> a tomará como tal, por ser aquella a sua convicção, frequentemente manifestada entre os nossos collegas e a toda a gente. O sr. dr. Mirabeau tem direito incontestavel a que lhe respeitem as suas convicções <sup>2</sup>.

O orçamento d'aquelle novo projecto do sr. Director das obras publicas, de sua exclusiva iniciativa ou mais ou menos inspirado pelo sr. Administrador dos hospitaes da universidade, importava em 41:770\$000 réis, segundo o que me expunha o sr. Valladas em outra carta, a de 9 de abril de 1893, datada de Lisboa — *Quinta do Alperce—Alto do Pina*. Dizia-se na memoria descriptiva, que por economia se faziam alterações no plano antigo, as quaes iriam reduzir essas despesas de reconstrucção a 41:770\$000 réis; e vê-se agora, pagg. 117 a 145, que pelo contrario essa reconstrucção total do mesmo edificio, apenas com modificações secundarias, e conservando todas as condições da boa hygiene, segundo os projectos de minha collaboração, se acha orçada em 36:593\$000 réis. E de pagg. 147 a 158

<sup>1</sup> O projecto em questão não só prescindia d'esses cõrtes do antigo projecto, mas até fechava o que eu tinha deixado aberto no centro do lanço do poente.

<sup>2</sup> De harmonia com essas convicções, pôde vêr-se, de pag. 45 em diante, sob a epigraphe «*As obras de reconstrucção do hospital do Collegio das Artes, desde 1886 até 1895*» que o sr. dr. Mirabeau, em todas as obras que mandou executar, nunca se guiou pelas indicações do projecto approved e que obedecia aos mencionados preceitos da hygiene contemporanea. Apenas respeitou, no seu acabamento, a obra dos quartos particulares no edificio de S. Jeronymo, que eu tinha deixado em grande adiantamento.

se viu tambem, que a despesa com as obras de maior urgencia, d'esta reconstrucção, não passaria da verba relativamente insignificante de 7:848,§000 réis.

Quatro mezes depois, o sr. Director das obras publicas, recebia recommendação do ministerio respectivo, para se entender comigo no assumpto, como se vê do officio seguinte:

«Ill.<sup>mo</sup> sr. — Participo a v. s.<sup>a</sup> em resposta ao seu officio «n.º 320, de 5 do corrente, que o projecto do dr. Costa «Simões foi devolvido ao Ministerio do Reino em 20 de «julho ultimo; devendo por isso v. s.<sup>a</sup>, para o fim indicado «no seu mencionado officio, entender-se com aquelle func-  
«cionario, que já deve estar de posse do alludido projecto.  
«— Deus guarde a v. s.<sup>a</sup>— Secretaria de Estado dos Ne-  
«gocios das Obras Publicas, Commercio e Industria, 18 de  
«agosto de 1893. — O Director, *Frederico Augusto Pi-  
«mentel*».

Passados mais tres mezes perguntava-me o sr. Con-  
selleiro Bernardino Machado, ministro das obras publicas,  
em carta de 7 de novembro de 1893 — «E que noticia me  
dá do projecto do hospital?» Respondi no dia seguinte,  
que tudo se achava paralyzado na Direcção das obras pu-  
blicas do districto, e que o digno funcionario se descul-  
pava da demora, por não ter recebido ainda os quatro volumes  
encadernados de toda a collecção dos antigos projectos.  
Tractei logo de os solicitar do ministerio do reino; mas,  
apesar de removida esta difficuldade, a pendencia não teve  
seguimento. Tractei no entretanto de aproveitar o ensejo,  
encarregando o sr. Sebastião Soriano, habil desenhador  
de obras publicas, de passar a limpo, á vista da collecção  
dos desenhos antigos, as modificações que fui lembrando e  
que se acham indicadas de pag. 69 em diante, na estampa  
do plano geral e nas gravuras 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>; bem  
como neste Additamento, figg. 14.<sup>a</sup> e 15.<sup>a</sup> de pagg. 264  
e 269.

Servirá esta pequena exposiçào para se ficar sabendo  
como tudo teria corrido bem, e como estariam já hoje adian-



tadas aquellas obras de reconstrucção, se não fôra a mal pensada propaganda pelo total abandono d'aquelle edificio; propaganda que se levantou mais imponente em 1890. Apesar de já muito amortecida, ainda até hoje não faltou quem tenha continuado a insistir na mesma idéa.

Anteriormente já se tinha deixado perder o melhor ensejo para se levarem a effeito, e com promptidão, aquellas obras do hospital. Refiro-me á feliz epocha de prosperidade para os melhoramentos de Coimbra, durante a permanencia no ministerio das obras publicas do sr. Conselheiro Emygdio Navarro. Datam d'essa epocha as importantes construcções da Eschola central de agricultura Moraes Soares, da Eschola industrial Brotero, do começo do theatro academico, do maior impulso das obras do caes e novo bairro de Santa Cruz, etc., etc.

Para aquellas obras do hospital, que seriam das mais sympathicas ao sr. Conselheiro, encontrava s. ex.<sup>a</sup> os projectos approvados, e achava já reconstruida uma parte importante d'esses projectos. Em taes condições, bastaria um simples pedido da faculdade de medicina, ou da reitoria da universidade, para que de prompto se installasse aquelle trabalho em grande escala. Póde asseverar-se que esse pedido teria encontrado a boa vontade e o mais lisonjeiro acolhimento no sr. Conselheiro Emygdio Navarro. Em logar d'isso, porém, *andava no ar* a desgraçada propaganda contra a conservação do hospital naquelle edificio; e d'ahi o obstaculo insuperavel que então se oppunha a este melhoramento. Vá a responsabilidade a quem competir <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Em abril de 1888, o sr. dr. Epiphanyo Marques, que administrava os hospitaes da universidade, no impedimento, por doença, do sr. dr. Mirabeau, escreveu particularmente ao sr. Conselheiro Emygdio Navarro, ponderando-lhe o estado de ruina de uma parte do lanco W. d'aquelle edificio; e pedindo-lhe um subsidio para essas reparações, e outras semelhantes, segundo os estudos de que se achava incumbido o sr. Director das obras publicas; — tudo no sen-



Passo a referir-me, em especial, á reconstrucção de uma pequena parte do mesmo edificio do Collegio das Artes, para a installação seguinte:

*Sala de operações visceraes, em projecto.*—Do seguimento d'esta pendencia, poderá ajuizar-se por algumas das peças officiaes, que encontro na minha collecção ou pequeno *dossier*, e que passo a mencionar pela sua ordem chronologica:

11 de junho de 1894.

Officio do secretario da faculdade de medicina para o administrador dos hospitaes da universidade, pedindo-lhe a installação provisoria de uma sala de operações visceraes, no local indicado pelo professor de clinica o sr. dr. Refoios, no tópo W. do corredor central do lanço S. do edificio do Collegio das Artes; e pondo á sua disposição 150\$000 réis, que o mesmo sr. dr. Refoios apresentava como subsidio de particulares para a coadjuvação d'aquella obra.

21 de junho de 1894.

Officio da administração dos hospitaes para o governo, remettendo o referido officio do secretario da faculdade de medicina, e pronunciando-se contra o local escolhido pelo sr. dr. Refoios para aquella installação.

30 de julho de 1894.

Representação do sr. dr. Refoios a Sua Magestade, pe-

---

tido de um officio (a que a mesma carta se referia), que o sr. dr. Mirabeau anteriormente havia dirigido ao ministerio do reino.

O sr. dr. Epiphanio não recebeu resposta do sr. Conselheiro, e nada sei do que a tal respeito se passou no ministerio das obras publicas. Mas, d'aquella falta de resposta, parece deduzir-se a má impressão, perante aquelle ministerio e o respectivo conselho, das insistencias na substituição dos antigos projectos já approvados, por novos projectos que lhe alteravam a indole, em desharmonia com os modernos preceitos d'esta ordem de construcções. É de erer que o sr. Navarro, tendo topado com taes estorvos, tivesse guardado a sua resposta para quando os podesse ter removido.

dindo a construcção da sala de operações, e dando conta dos donativos particulares, que tinha á sua disposição, para auxilio d'aquella pequena obra.

1 de agosto de 1894.

Officio do reitor da universidade para o ministerio do reino, remettendo uma representação do sr. dr. Refoios, datada de 30 do mez anterior, a pedir um subsidio do governo para esta installação, a que se junctariam os 150\$000 réis de subsidios particulares de que já dispunha. — «Na «minha informação sobre o assumpto (*dizia eu naquelle officio de remessa*), fundada principalmente na opinião manifestada pelo conselho da faculdade de medicina, e ainda «pelo conhecimento de installações similares, que tive occasião de visitar nos paizes estrangeiros durante a minha «viagem de 1891, seria sempre muito pouco tudo quanto «eu podesse aqui expôr, para encarecer a urgentissima necessidade de se preencher esta lamentavel lacuna, tão «estranha, e mesmo tão vergonhosa, num estabelecimento «do Estado, que serve de eschola pratica á faculdade de «medicina da unica universidade de um paiz civilizado.

«O esclarecido criterio de v. ex.<sup>a</sup> dispensará mais extensos encarecimentos».

10 de outubro de 1894.

Officio do governo para a reitoria da universidade, pedindo o orçamento d'aquella obra.

10 de novembro de 1894.

Officio da reitoria da universidade para o governo, remettendo aquelle orçamento, na importancia de 400\$000 réis, com o respectivo projecto elaborado na direcção das obras publicas, segundo as indicações do sr. dr. Refoios.

9 de junho de 1895.

Um boletim de serviço do professor de clinica de homens para o administrador dos hospitaes da universidade, protes-

tando contra a pratica de operações de grande cirurgia na casa que deita para o gabinete de analyses da clinica escholar a seu cargo, considerando «este facto prejudicial aos doentes da eschola, ao pessoal e estudantes». Referia-se o boletim a uma pequena sala, que fica lateralmente contigua ao mesmo extremo do corredor, indicado para a mencionada installação.

25 de julho de 1895.

Officio da direcção das obras publicas para a administração dos hospitaes da universidade, dando-lhe parte de que tinha ordem do seu ministerio para construir a sala de operações visceraes, devendo entender-se, nas particularidades que o exigissem, com o administrador do estabelecimento e com o professor de clinica de mulheres. Pedia ao administrador que lhe dissesse quando queria que se reunissem, para se combinar o que fosse conveniente.

29 de julho de 1895.

Officio da administração dos hospitaes para o ministerio do reino, dando-lhe conta d'aquella pergunta da direcção das obras publicas, e da resposta que lhe deu, de se ter recusado áquella reunião, emquanto do mesmo ministerio não baixasse qualquer resolução sobre as considerações, que lhe tinha offerecido, contra aquella installação no local indicado. No mesmo officio remetia o mencionado boletim de 9 de junho; e a esse proposito insistia de novo em se oppôr á installação da sala de operações de gynecologia, no local indicado pelo sr. dr. Refoios.

7 de agosto de 1895.

Officio do ministerio do reino para o reitor da universidade, participando que se achava auctorizada a despesa para a referida installação; mas que, havendo dissidencias e duvidas a respeito do local indicado, tractava de removel-as, como se vê da seguinte transcripção do mesmo officio:



«Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. — Tendo sido auctorizada, por despacho do ex.<sup>mo</sup> Ministro do Reino, de 30 de abril ultimo, a despesa a fazer, no actual anno economico, com a installação provisoria de uma casa de operações de cirurgia visceral nos hospitaes da universidade, e estando já elaborado o respectivo orçamento e planta, surgem duvidas e opiniões encontradas do Administrador d'aquelle estabelecimento e do Lente Cathedratico de clinica de mulheres, que, com prejuizo de um melhoramento instantemente reclamado, estão demorando a referida installação, que é tambem subsidiada com donativos particulares.

«No intuito de pôr cobro a semelhante estado de cousas, encarrega-me o mesmo ex.<sup>mo</sup> Ministro de enviar a v. ex.<sup>a</sup> os adjunctos documentos, a fim de que se digne submeter ao assumpto a uma commissão de homens competentes, por v. ex.<sup>a</sup> nomeada, a qual, com a maior urgencia, dê parecer fundamentado, habilitando o Governo a tomar uma resolução definitiva.

«Com o parecer d'essa commissão se dignará tambem enviar-me a sua informação confidencial, que será tida na maior valia, attenta a especial competencia de v. ex.<sup>a</sup> sobre o assumpto e a sua muita illustração.

«Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> — Ministerio dos Negocios do Reino, em 7 de agosto de 1895. — Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. Reitor da Universidade de Coimbra. — *José d'Azevedo Castello «Branco».*

12 de agosto de 1895.

Nomeação, pelo reitor, da commissão indicada no officio antecedente, e marcando o dia 13 para a sua reunião. Ficou composta do sr. dr. Raymundo da Silva Motta, professor de anatomia pathologica e toxicologia; do bacharel o sr. José Antonio de Sousa Nazareth, preparador de histologia e director do hospicio dos expostos; do architecto o sr. Hans Dickel, professor da escola industrial Brotero; e do sr. Manuel José Esteves, conductor de obras publicas e desde muitos annos encarregado de differentes serviços nos pro-

jectos de reconstrucção dos hospitaes da universidade. O reitor reservou para si a presidencia, e nomeou para secretario, sem voto, o secretario da universidade. Em officio para o governo de 16 do mesmo mez de agosto, dizia eu a respeito d'esta nomeação: — «Outros professores da faculdade de medicina, que pela sua imparcialidade na questão eu desejava ouvir, não podiam comparecer por se acharem ausentes. Eram de certo muito dignos de fazerem parte d'esta commissão o Administrador dos hospitaes da universidade e o Director das obras publicas d'este districto, auctor do projecto da nova casa. Pareceu-me, porém, que teria dado boa interpretação ao citado officio, não convidando estes dois funcionarios, os quaes, sobre o assumpto, já se tinham pronunciado perante v. ex.<sup>a</sup>».

13 de agosto de 1895.

Acta da unica sessão da mencionada commissão. Quesitos propostos e respectivas respostas:

1.º *quesito*. — A pratica de operações de gynecologia no local indicado no projecto n.º 1 (*o projecto do sr. dr. Refoios ou inspirado por s. ex.<sup>a</sup>*) póde prejudicar os doentes da enfermaria de clinica de homens, ou os empregados d'este serviço e os estudantes que a frequentam?

*Resposta*. — Não póde prejudicar, porque o local está separado da enfermaria por um pateo de 7<sup>m</sup>,30 de largura; ficando além d'isso a sala de operações no 1.º andar de um dos corpos do edificio e a enfermia de clinica de homens no rez do chão do corpo fronteiro. Accresce ainda que esta ordem de operações sempre se faz com rigorosas precauções de asepsia e de antisepsia.

2.º *quesito*. — A obra projectada para a sala de operações estorva a ventilação do corredor?

*Resposta*. — Não deixa de estorvar um tanto; sem que esse inconveniente deva com tudo obstar a que o projecto seja adoptado; tanto mais que, no acto da construcção o



mesmo inconveniente se poderá remediar em parte desde já, e ser removido no todo, quando se completar a reconstrucção d'este corpo do edificio.

3.º *quesito*. — A mesma sala, se for construida conforme o projecto n.º 1 (o do sr. dr. Refoios), ficará em boas condições?

*Resposta*. — Parece á commissão que não satisfaz por completo, pela sua pequena capacidade <sup>1</sup>, e ainda por não se harmonizar com o projecto da futura reconstrucção d'este corpo do edificio.

4.º *quesito*. — Será preferivel installar este serviço de operações visceraes na casa que, segundo o projecto geral da reconstrucção, foi construida de novo para latrinas geraes?

*Resposta*. — Seria inconveniente pela distancia a que fica das enfermarias, sem quartos para operadas que não devam ser transportadas para muita distancia; e tambem porque ficaria contrariando o plano geral da reconstrucção do edificio <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> A superficie da sala de operações visceraes, em que o sr. dr. Refoios tem operado, não chega a 25<sup>m</sup>²; e a mesma superficie, pouco mais ou menos, tinha tambem a sala do seu projecto, enquanto que a sala do projecto adoptado pela commissão (fig. 15.ª, pavilhão A-5) tem 57<sup>m</sup>² de superficie.

Em congregação de 5 de dezembro de 1896, o sr. dr. Refoios declarou que a unica operação visceral, marcada para breve, não podia assistir senão metade do curso do 5.º anno, por não caberem todos na sala; que os restantes do mesmo curso assistiriam á operação visceral que depois se fizesse; e que nas seguintes continuaria a mesma alternacão. E de crer que, mesmo com aquelle inconveniente, s. ex.ª julgue preferivel as pequenas dimensões da sala do seu projecto. Competencia no assumpto, ninguem deixará de a reconhecer no distinctissimo operador.

<sup>2</sup> Refere se ao projecto n.º 2, de que se tracta no 6.º *quesito*. O esclarecimento do segundo parenthesis d'este *quesito* refere-se ás disposições d'esta sala (fig. 15.ª-5), com os seus annexos (6 e 7), e aos quartos para operadas (8); tudo servido por um vasto corredor (9).



5.º *quesito*. — No caso de se adoptar o local indicado no projecto n.º 1 (o do sr. dr. Refoios), deverá dar-se á nova sala um caracter definitivo, em harmonia com o projecto de reconstrucção d'este corpo do edificio?

*Resposta*. — A reconstrucção deve ter um caracter definitivo, por motivos que são obvios.

6.º *quesito*. — O projecto n.º 1 (o do sr. dr. Refoios), de caracter provisório, será preferivel ao projecto n.º 2 de caracter definitivo? (*o que se harmoniza com o que se vê representado na fig. 15.<sup>a</sup> de pag. 269 d'este Additamento, n.ºs 5 a 9*).

*Resposta*. — Prejudicado pelas respostas anteriores. Deverá comtudo accrescentar-se que, se a luz das quatro janellas rasgadas, de 4<sup>m</sup>,50 de altura e 1<sup>m</sup> de largura, do projecto n.º 2 (cit. fig. 15.<sup>a</sup>), parecer insufficiente, haverá o recurso do alargamento, ou augmento em numero, das do tópo do edificio; e ainda haverá recurso á luz pelo tecto da sala <sup>1</sup>.

16 de agosto de 1895.

Officio de remessa da mencionada acta, da reitoria da universidade para o ministerio do reino. Terminava com o seguinte — «*Resumo*»:

«Quanto ao local para a nova sala, sou de parecer que «se accete o que vinha indicado no projecto n.º 1; o mesmo «que tambem vae indicado no projecto n.º 2 (o da fig. 15.<sup>a</sup>, «n.ºs 5 a 9, do pavilhão A) e na planta da reconstrucção «geral n.º 3 (a mesma planta da fig. 15.<sup>a</sup>). A respeito do

<sup>1</sup> Não carece d'essas ampliações de luz. Uma das janellas, a do centro do tópo do edificio, tem a fórma de janella dupla, correspondendo assim a duas do typo ordinario. Contamos, pois, com a secção de abertura de cinco janellas rasgadas, de 4<sup>m</sup>,50 de altura sobre 1<sup>m</sup> de largura, prefazendo a totalidade de 22<sup>m</sup>2,50. E tendo a sala 57<sup>m</sup>2, corresponde-lhe, a cada 1<sup>m</sup>2 de superficie, 0<sup>m</sup>2,39 de secção luminosa, com a favoravel exposiçáo das suas duas faces livres ao S. e a W.

«plano da obra não hesito em dar preferencia ao projecto n.º 2, não vendo a favor do projecto n.º 1 (o do sr. dr. Refoios) senão e unicamente, ser mais barata a sua execução.

«Em vista dos mencionados elementos de apreciação, v. ex.<sup>a</sup> se dignará resolver como pareça mais acertado».

7 de setembro de 1895.

Officio do sr. dr. Refoios para a reitoria da universidade, participando que resolvêra applicar desde já á compra de apparatus de desinfecção, para o serviço das operações gynecologicas, o «subsídio de particulares que tinha em seu poder, com destino a auxiliar a construcção e installação «da sala de operações gynecologicas». Declarava ter tomado esta resolução para se aproveitar d'aquelles apparatus já no seguinte anno lectivo. E que, para essa compra, não esperava pela construcção da sala, receando que continuassem a produzir effeito as difficuldades que os srs. drs. Rocha e Mirabeau lhe haviam levantado. Referia-se aos obstaculos mencionados no Boletim de 9 de junho e no officio de 29 de julho de 1895, pagg. 281 e 282.

12 de dezembro de 1895.

Officio do ministerio do reino para a reitoria da universidade, participando-lhe ter sido approvedo o projecto para a construcção da sala de operações gynecologicas, a que a commissão tinha dado preferencia (é o projecto que se harmoniza com o plano geral da reconstrucção de todo o edificio, representado na fig. 13.<sup>a</sup> pag. 269, e a que se referiram os quesitos da commissão, 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup>).

Segue-se o officio. — «Ministerio do Reino, — Direcção «Geral de Instrucção Publica. — Liv. 24, n.º 303. — Ill.<sup>mo</sup> «e ex.<sup>mo</sup> sr. — Tenho a honra de communicar a v. ex.<sup>a</sup> que o ex.<sup>mo</sup> Ministro do Reino, por despacho de vinte e um de «setembro, approvou o projecto n.º 2 e planta n.º 3<sup>1</sup> para

<sup>1</sup> O projecto n.º 2 é o que foi preferido pela commissão na sua

«a construcção da nova casa destinada a operações visceraes  
 «no hospital da universidade. Nesta data se officia ao Mi-  
 «nisterio das Obras Publicas, para mandar proceder a essa  
 «construcção. — Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> — Secretaria de  
 «Estado dos Negocios do Reino, em 12 de dezembro de  
 «1895. — Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. Reitor da Universidade de Coim-  
 «bra. — Servindo de Director Geral — O Conselheiro *Lu-  
 «ciano Cordeiro*».

6 de fevereiro de 1896.

Officio do ministerio do reino para a reitoria da univer-  
 sidade, participando que, por despacho do ministerio das  
 obras publicas de 4 d'este mez de fevereiro, se mandára  
 proceder ás obras da sala em questão.

Segue o officio. — «Ministerio do Reino. — Direcção Ge-  
 «ral de Instrucção Publica. — Liv. 24, n.º 305. — Ill.<sup>mo</sup>  
 «ex.<sup>mo</sup> sr. — Cumpre-me participar a v. ex.<sup>a</sup> que em officio  
 «de 4 do corrente, expedido pela Direcção dos serviços das  
 «obras publicas, se communicou a esta Direcção Geral,  
 «que o ex.<sup>mo</sup> Ministro d'aquella Repartição, por despacho  
 «da mesma data, mandára proceder ás obras necessarias  
 «para a construcção da nova sala das operações visceraes  
 «no Hospital da Universidade. — Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> —  
 «Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, em 6 de  
 «fevereiro de 1896. — Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. Reitor da Univer-  
 «sidade de Coimbra. — Servindo de Secretario Geral —  
 «O Conselheiro *Luciano Cordeiro*».

13 de fevereiro de 1896.

Officio da Direcção das obras publicas do districto de  
 Coimbra para a reitoria da universidade, pedindo-lhe que  
 mandasse addicionar ao projecto, que lhe fôra mandado exe-

---

resposta aos quesitos 5.º e 6.º; e a planta n.º 3 é a mesma, repro-  
 duzida em pequena escala, da fig. 15.<sup>a</sup>, pag. 269. No pavilhão (A)  
 vê se representada a sala de operações visceraes e seus accessorios,  
 incluindo os quartos para operadas, sob os n.ºs de 5 a 9.



cutar pelo ministerio respectivo, differentes peças que lhe faltavam; e participando-lhe que a verba auctorizada para as despesas d'essa construção era de 1:054\$000 réis.

12 de março de 1896.

Da Reitoria da universidade para a Direcção das obras publicas, remettendo-lhe as peças do projecto a que o officio anterior se referia. Houve tanta demora na minha resposta, porque me empenhei em que não faltasse a mais pequena particularidade no projecto: — minuciosa memoria descriptiva, desenvolvida serie de preços, medições e orçamentos satisfazendo aos mais escrupulosos requisitos, muitos córtes e alçados, e inclusivamente novas cópias dos desenhos, de que a commissão tinha acompanhado a sua resposta aos quesitos que lhe tinham sido propostos. Tudo foi elaborado pelo sr. Esteves e todos os desenhos passados a limpo pelo sr. Soriano.

Nestas alturas da celebre pendencia, bem se vê que só faltava que o sr. Director das obras publicas dêsse começo á execução do projecto da commissão, em cumprimento do que o governo lhe havia ordenado.

Surgiu, porém, inesperadamente, uma nova difficuldade. O sr. Director das obras publicas não desistia do seu primitivo projecto, agora com pequenas modificações, de que s. ex.<sup>a</sup> se dignou dar-me conhecimento.

Esforcei-me por mostrar ao sr. Director os embaraços que aquella alteração iria crear no ministerio das obras publicas; mas s. ex.<sup>a</sup> não desistiu, de accordo com o sr. dr. Refoios, como affirmava, e ambos de certo com as melhores intenções.

E lá foi para o ministerio das obras publicas aquella substituição *a um projecto que o governo acabava de approvar, e para cuja execução o mesmo governo já tinha posto á disposição do sr. Director a quantia de 1:054\$000 réis, em que se achava orçado.*

Verificou-se infelizmente o meu presentimento, como aliás era de esperar. Da construcção da nova sala de operações visceraes, nunca mais se tractou. É de crer que a nova proposta do sr. Director das obras publicas nunca tivesse solução da parte do governo.

A principio serviram de estorvo a este melhoramento os srs. drs. Rocha e Mirabeau, dizia com verdade o sr. dr. Refoios. E os dois collegas é de crer que digam agora, que o ultimo estorvo foi levantado pelo sr. dr. Refoios, *se bem que involuntariamente*. A reitoria da universidade nada estorvou. Os ministros das obras publicas e do reino sempre mostraram a melhor vontade na solução da pendencia.—  
*Vá a responsabilidade a quem competir.*

## UMA CALUMNIA

Tentou-se fazer acreditar que me tenho opposto á construcção do novo hospital da universidade, parecendo ter havido, nesse estranho processo, um sinistro empenho em se provocar, a todo custo, o meu desconceito perante os antigos collegas da faculdade de medicina.

Ainda bem que depois d'isso foi a mesma faculdade, que nobremente repelliu a injustissima calumnia, convidando-me por unanimidade de votos, em congregação de 18 de dezembro de 1891 <sup>1</sup>, para fazer parte de uma commissão, que

---

<sup>1</sup> Esta data saiu por equivooco — 20 de maio —, em lugar de 18 de dezembro, pag. 196.

A prova d'esse equivooco vê-se no seguinte officio do digno Decano da faculdade de medicina, que passo a transcrever, não só por esse motivo, mas ainda como prova evidente das disposições da faculdade a meu respeito, contra o boato que se propalava de eu me ter opposto ao estabelecimento de um novo hospital da universidade. Segue-se o referido officio:

•Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr.—O conselho da Faculdade de Medicina, que ha muito anhela pela edificação de um hospital, adequado ao desenvolvimento do ensino practico de medicina, e de capacidade sufficiente para receber os numerosos enfermos de toda a zona central do reino, incumbiu uma commissão, composta de alguns dos seus vogaes, de formular um projecto do hospital, em conformidade do ensino e com outras condições attendiveis.

•Considerando, porém, que em materia de tanta ponderação muito importava a coadjuvação de v. ex.<sup>a</sup>, cuja superior competencia em assumptos hospitalares é reconhecida do paiz, por unanimidade de votos resolveu, em congregação de 18 do corrente, convidar a v. ex.<sup>a</sup> para se aggregar á commissão e para a coadjuvar na resolução do difficil problema de que se acha incumbida. Como Decano da Faculdade de Medicina, e como presidente da congregação do dia 18, na ausencia do ex.<sup>mo</sup> Prelado da Universidade, cumpre-me levar ao conhecimento de v. ex.<sup>a</sup> aquella deliberação do conselho. A ter a honra de a communicar a v. ex.<sup>a</sup>, nutro a esperança de que se dignará annuir ao convite. Quem outr'ora trabalhou com tanto desvelo pelo engrandecimento da faculdade de medicina, de certo se não recusará



se achava encarregada dos trabalhos preparatorios para essa nova edificação. Demonstrou d'esse modo que não déra importancia a quanto, contra mim, se tinha urdido a tal respeito.

Todos os vogaes do conselho da faculdade tinham nas suas estantes o meu livro, publicado no anno anterior (1890), — «*Construções hospitalares*» —, onde, a pag. 499 e seguintes, sob a epigrapha «*O novo hospital da universidade*» me occupei largamente d'este assumpto. Alli indiquei as differentes encostas dos suburbios de Coimbra, onde poderia levantar-se o novo estabelecimento; incluindo nessa enumeração a encosta da Cumeada (ou *Penedo da Saudade*), que posteriormente foi preferida pela faculdade. Tambem me occupei, no mesmo livro, da orientação das enfermarias, das disposições interiores dos pavilhões, e de tudo o mais que poderia indicar-se, em geral, emquanto não estivesse esboçada a distribuição dos pavilhões d'este novo hospital, convenientemente adaptada ao proprio local, que ainda então não estava definitivamente escolhido.

Foi, pois, com documentos á vista, que a faculdade de medicina me desforçou da calumnia que me assacavam, o que

---

a prestar-lhe mais um serviço, e a cooperar em obra de tanto interesse scientifico e humanitario.

«Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup>. Coimbra, 21 de dezembro de 1891. — Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, Dig.<sup>mo</sup> Decano Jubilado da Faculdade de Medicina. O Decano da Faculdade de Medicina — *Bernardo Antonio Serra de Mirabeau*».

A minha resposta :

«Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. — Da melhor vontade ponho, desde já, ao serviço da commissão dos assumptos hospitalares da nossa Universidade, a minha deficiente coadjuvação; agradecendo, por outro lado, a unanimidade de votos com que a nossa Faculdade de Medicina se dignou honrar-me, e as expressões de favor do officio de v. ex.<sup>a</sup> de 21 do corrente.

«Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> — Mealhada, 23 de dezembro de 1891. — Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. Decano Director da Faculdade de Medicina. — *Antonio Augusto da Costa Simões*».

mais uma vez agradeço aos meus collegas, e com muito reconhecimento.

Não sei se ainda hoje se insiste naquelle mesmo proposito de me indisporem com a faculdade de medicina. Nesse caso, porém, não teriam deixado os meus collegas de traçar *pontos de admiração*, adeante de tão impertinentes insistencias.

Os factos posteriores áquelle apreciadissimo desforço continuaram demonstrando a coherencia com as minhas manifestações, a favor do novo hospital.

A faculdade de medicina conhece muito bem, que os primeiros delineamentos de projectos, em planta, para este novo hospital, foram aquelles que mandei da Mealhada ao digno presidente da commissão, em carta de 4 de maio de 1892. Antes d'isso, e nem depois, nunca se viu que mais ninguem apresentasse á faculdade, ou á commissão, qualquer projecto em planta d'este novo hospital.

Sabe mais a faculdade que me aproveitei da publicação do relatorio da minha viagem de 1891 (a que pertence este *Additamento*), para dar publicidade ao meu projecto, em esboço, d'este hospital, representado numa estampa com a distribuição geral dos seus pavilhões, e mais sete gravuras no texto com as particularidades das suas enfermarias e de todos os seus annexos.

Tudo constava do meu livro de 1896 «*Reconstrucções e novas construcções dos hospitaes da universidade*»<sup>1</sup>, sob a epigraphe — «*O ultimo projecto do novo hospital da universidade*» —, de pagg. 207 a 253. E já antes d'isso tinha constado de outra brochura, exclusivamente dedicada a este hospital, com uma estampa e cinco gravuras no texto, sob o titulo «*O novo hospital da universidade, projecto em*

---

<sup>1</sup> O mesmo livro, agora reproduzido em 2.<sup>a</sup> edição, ccomo se vê das citadas paginas.

*esboço, 1895*», que se reproduziu na citada brochura de 1896, e neste livro, 2.<sup>a</sup> edição, a que este *Additamento* se está referindo.

Como simples amostra do que eu tinha exposto, nas citadas publicações, a favor do novo hospital da universidade, repetirei aqui os trechos seguintes de pag. 184:

«A idéa que advoguei em 1890, e que actualmente estou advogando, tem sido e é (*sem a menor incoherencia ou contradicção, por escripto ou de simples palavra*), tem sido e é, repito, que se conservem as 303 camas nos actuaes hospitaes da universidade, e que para as restantes que a afluencia dos doentes já de ha annos está exigindo, e que tambem estão sendo reclamadas pelas exigencias do ensino clinico, se promova a construcção de um novo hospital. O projecto em esboço, que offereci para essa nova construcção, pôde admittir, como se verá mais adeante, 384 camas regulamentares, 38 supplementares e 28 eventuaes, sommando assim a maxima lotação 450 camas.

«Não estou, pois, em antagonismo com o que ha de essencial nas aspirações da faculdade de medicina. Todos desejamos que os hospitaes da universidade possam receber maior numero de doentes, nas melhores condições que a moderna hygiene está exigindo».

FIM.



## INDICE

	Pag.
ADVERTENCIA.....	v
DOCUMENTOS OFFICIAES RELATIVOS À MINHA VIAGEM DE 1891....	vii

---

<b>A reconstrucção do hospital do Collegio das Artes .....</b>	<b>1</b>
Hospitales da Universidade — Recordações.....	3
As obras de reconstrucção do hospital do Collegio das Artes, desde 1870 até 1886 .....	9
As obras de reconstrucção do hospital do Collegio das Artes, desde 1886 até 1893.....	15
O projecto de reconstrucção do hospital do Collegio das Artes, censurado desde 1890 .....	23
O projecto de reconstrucção do hospital do Collegio das Artes, censurado pela posição do edificio; esta posição confrontada com a de hospitales importantes estrangeiros..	27
Hespanha .....	29
França .....	30
Belgica.....	35
Allemanha .....	ib.
O estado actual do hospital do Collegio das Artes, confrontado, nas suas disposições interiores, com importantes hospitales estrangeiros.....	37

	Pag
Hespanha .....	38
França.....	42
Belgica .....	60
Allemanha .....	64
O projecto de reconstrucção do Hospital do Collegio das Artes, com as modificações de 1895 .....	69
Posição e orientação.....	ib.
Segundo pavimento de enfermarias .....	75
Pavilhão (A).....	77
Pavilhão (B).....	78
Pavilhão (C).....	79
Pavilhão (D).....	80
Pavilhão (E).....	ib.
Pavilhão (F).....	81
Primeiro pavimento de enfermarias.....	90
Córtes ou pequenos pateos de isolamento e galerias de ser- viço .....	92
Annexos ou accessorios das enfermarias.....	97
Secções da maternidade e de molestias contagiosas.....	102
Pharmacia .....	103
Despensa e cozinha .....	104
Casas do banco e da acceitação dos doentes.....	105
Administração e secretaria.....	ib.
Capella.....	ib.
Casa mortuaria .....	106
Lavanderia, rouparia e arrecadação de fato dos doentes..	ib.
Ascensores .....	110
Abastecimento de aguas .....	ib.
Latrinas geraes .....	111
Exgottos .....	113
Orçamento de toda a reconstrucção do hospital do Collegio das Artes.....	117
Orçamento da reconstrucção do hospital do Collegio das Artes, (sómente da parte que está exigindo maior urgencia)..	147
Lotação das camas do hospital do Collegio das Artes e seus annexos.....	171

	Pag.
Economias inherentes á reconstrucção do hospital do Collegio das Artes .....	175
Recapitulação a favor do hospital do Collegio das Artes, em confrontação com diferentes hospitaes estrangeiros, antigos e modernos.....	187
<hr/>	
<b>Projecto em esboço do novo hospital da universidade .....</b>	<b>193</b>
Trabalhos da commissão hospitalar.....	195
A commissão primitiva .....	196
A commissão reconstituída .....	197
Recordações.....	200
Incidente .....	203
O ultimo projecto do novo hospital da universidade .....	207
Posição do novo hospital .....	ib.
Orientação .....	210
Condições meteorologicas .....	212
<i>Altura do sol</i> .....	224
<i>Temperatura</i> .....	ib.
<i>Frequencia e velocidade dos ventos</i> .....	226
Distribuição dos pavilhões .....	229
Hospital geral .....	ib.
Maternidade .....	231
Contagiosos .....	233
Casa mortuaria e annexos.....	234
Disposições especiaes dos pavilhões.....	237
Pavilhões de uma só enfermaria .....	ib.
Pavilhões duplos, de duas enfermarias.....	244
Pavilhões triplos, de duas enfermarias... ..	247
Pavilhão n.º 9 .....	248
Pavilhão n.º 10.....	ib.
Lotação de camas de todo o hospital .....	251
Dependencias dos serviços do novo hospital da universidade..	255



	Pag.
Additamento.....	259
Exposição, em abril de 1898, sobre a reconstrução do hospital do Collegio das Artes.....	263
As boas disposições do governo a favor da reconstrução do hospital do Collegio das Artes.....	273
Uma calúnia.....	291



9-2-906

## ERRATAS

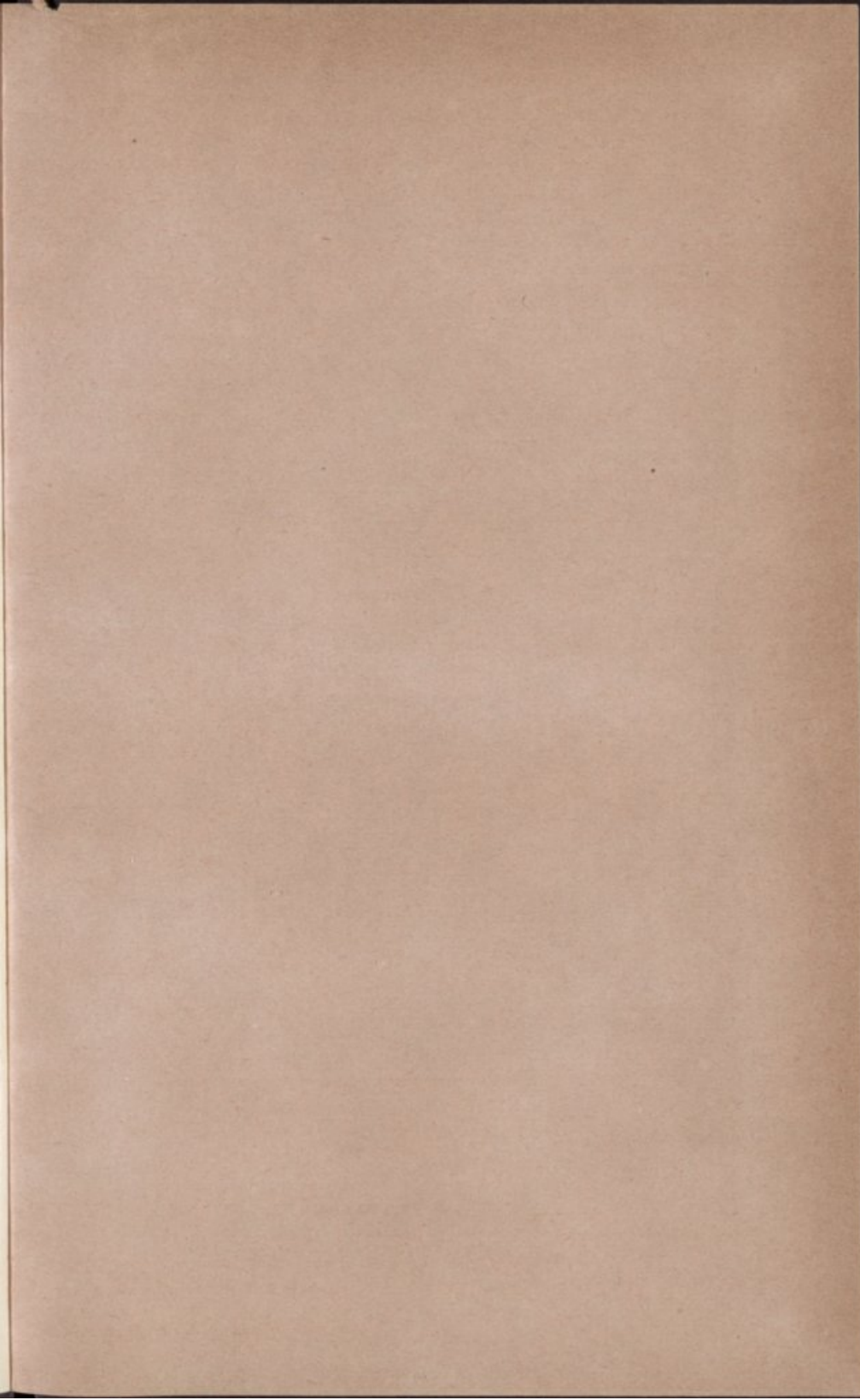
<i>Pag.</i>	<i>Linhas</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
6	36	Desempenho	despacho
11	26	e a	e da
21	9	das janellas	de uma das janellas
29	33	ambas	ambos
30	20	muito maior	muito mais
49	6	o Hotel Tenon, o Hotel Bichat, o Hotel Lariboisier	o hospital Tenon, o hospital Bichat, o hospital Lariboisière
49	22	só com	com
58	37	do columnas	de columnas
66	2	hospital Frederico	hospital do Parque Frederico
66	9	Eppendorph	Eppendorf
88	19	hospital Frederico	hospital do Parque Frederico
88	36	Eppendorph	Eppendorf
184	6	<i>a maior</i>	<i>a menor</i>
190	19	toto	tôpo
196	6	20 de maio	18 de dezembro
231	1	331	231
242	26	deixon	deixou
244	25	Pavilhão duplo	Pavilhões duplos
250	5	Paris	Paris (pag. 52)

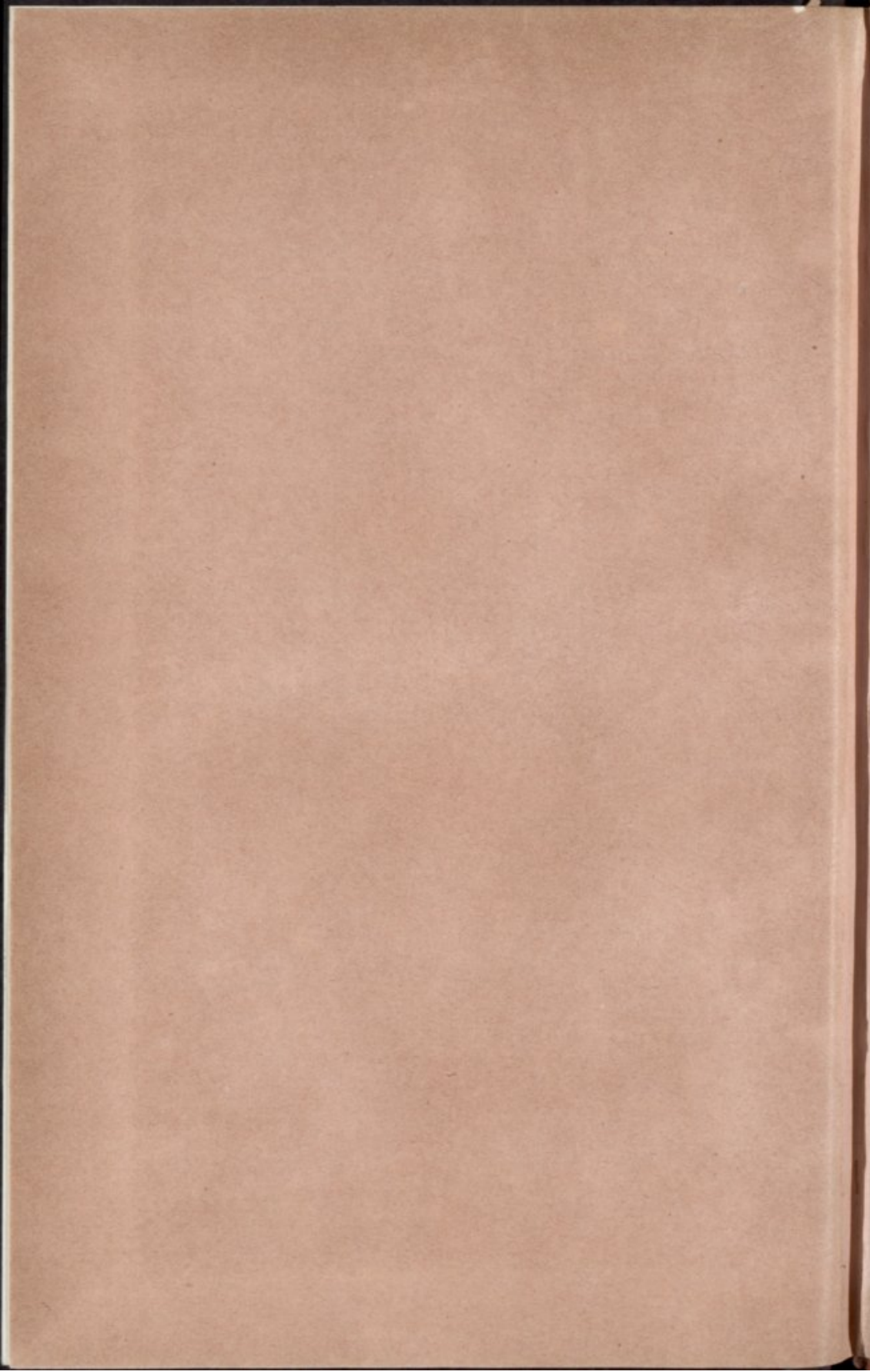
Na fig. 3.<sup>a</sup> de pag. 81, a porta da entrada do pavilhão está erradamente representada como janella; e o inverso na casa de banhos (5). Entre as casas (5 e 7) ha uma janella de vidraça fixa, em lugar da porta que a figura representa.

Na ultima columna à direita, de pag. 173, onde lê 888 deve lêr-se 188.





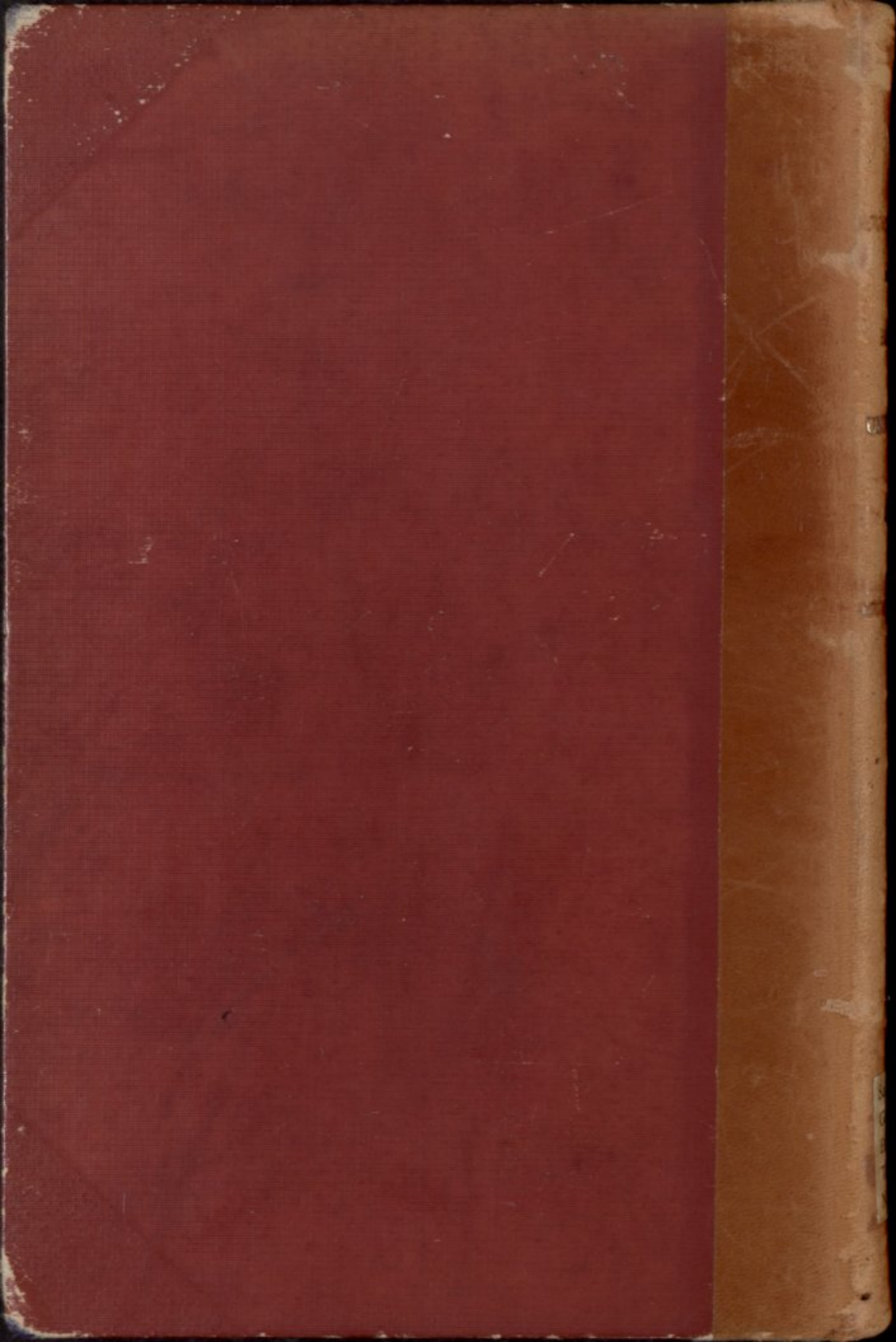






60984 81800





COSTA SIMÕES

HOSPITAES

DA

UNIVERSIDADE

DE

COIMBRA

Sala	7
Gab.	—
Est.	2 4
Tab.	2 5
N.º	2 4